

TRILOGIA KOSMOS
EXCERTOS DO VOLUME 2
KEN WILBER

Tradução de Ari Raynsford (www.ariray.com.br)

**EXCERTO B – AS MUITAS FORMAS DE ENTRARMOS EM
CONTATO: TRÊS PRINCÍPIOS ÚTEIS PARA UMA
ABORDAGEM INTEGRAL**

ÍNDICE

As muitas formas de entrarmos em contato: três princípios úteis para uma abordagem integral	1
Visão geral: um paradigma integral é um conjunto de práticas, não de teorias	1
A grande possibilidade	4
Pluralismo Metodológico Integral	4
A essência da Metateoria Integral: todo mundo está certo	8
O primeiro princípio útil: não-exclusão	9
O segundo princípio útil: desdobramento	12
O terceiro princípio útil: atuação	15
O cálculo de desconforto	18
Um Sistema Operacional Integral (SOI)	22
Conferência holônica	23
Prognóstico	25
Notas explicativas	27

EXCERTO B – AS MUITAS FORMAS DE ENTRARMOS EM CONTATO: TRÊS PRINCÍPIOS ÚTEIS PARA UMA ABORDAGEM INTEGRAL

Visão geral: um paradigma integral é um conjunto de práticas, não de teorias

No Excerto A do volume 2 da Trilogia Kosmos, "O limiar de uma Era Integral", observamos o fato que, no mundo de hoje, menos de 2% da população está em algum estágio ou onda de consciência que possa ser chamado "integral" de forma significativa. Se as ondas gerais de desenvolvimento forem denominadas: tradicional, moderna, pós-moderna e integral (com a possibilidade de ondas ainda mais elevadas), a pesquisa sugere que cerca de 25% da população é tradicional, 40% é moderna, 20% é pós-moderna, e apenas 2% mais ou menos está na onda integral ou numa mais alta.

Entretanto, pesquisas recentes também indicam que existe um crescente movimento de vanguarda – na elite cultural, em formadores de opinião, na mídia, nas artes e na academia em geral – onde porções significativas da população pós-moderna estão começando a se transferir para ondas integrais de consciência. Nas ciências sociais e humanidades, por exemplo, Jeffrey Alexander, indiscutivelmente o sociólogo mais talentoso da América, identificou três grandes fases pós-segunda-guerra-mundial: o funcionalismo (modernista), a microssociologia (pluralista pós-moderna) e uma terceira e mais recente fase: "uma era de síntese", o limiar de uma era integral, começando agora.

Também vimos que, historicamente, para que algum tipo de transformação genuína – ou "revolução real" – ocorra, não só essa revolução deve ser liderada por uma elite, como também essa elite deve possuir um novo paradigma, o que significa que deve possuir, não uma nova teoria ou visão de mundo, mas um novo tipo de prática social, meio de produção, injunções comportamentais concretas ou exemplares experimentais. Essas práticas sociais, injunções ou exemplares – esses novos paradigmas e metodologias – geram, atuam, dão à luz e iluminam novos tipos de experiências, ocasiões, dados, fenômenos. É em torno dessas novas experiências, dados ou iluminações que crescem de fato novas teorias, novas visões de mundo, novas superestruturas. "Paradigma" refere-se às metodologias para atuar novos fenômenos, não meramente às teorias que tentam explicá-los, embora tanto os novos paradigmas quanto as novas teorias entrem em cena à medida que novas e mais elevadas ondas de consciência continuam a se desdobrar.

Já que exploraremos o significado de novos paradigmas e novas teorias, apresentaremos aqui apenas alguns exemplos ilustrativos rápidos para, em seguida, focalizarmos como poderá ser uma "metodologia integral" nesta era de síntese que se aproxima – e nos salões integrais que estão agora surgindo em todo o mundo, crises de uma consciência lutando para nascer.

(Para aqueles pouco familiarizados com o trabalho de alguns dos principais teorizadores da evolução da consciência – como Jean Gebser, James Mark Baldwin, Clare Graves, Jane Loevinger e Robert Kegan – eis aqui um breve resumo. Pesquisas indicam que, como todos os sistemas vivos naturais, a consciência pode sofrer evolução, desenvolvimento ou desdobramento. Esses teorizadores creem que as ondas gerais de evolução ou desdobramento são: arcaica, mágico-tribal, mítico-tradicional, moderno-racional, pós-moderno-pluralista – todas juntas normalmente chamadas de ondas de "primeira camada" – e integral-aperspectiva – normalmente chamada de "segunda camada". Cada uma das ondas de primeira camada acredita que seus valores e visões de mundo são os melhores ou mais corretos; as ondas de segunda camada ou integrais tentam incluir e integrar as verdades parciais de todas as ondas de primeira camada. Já que a evolução da consciência é contínua, alguns pesquisadores referem-se vagamente a ondas de "terceira camada", que são mais abrangentes, mas que ainda estão em suas fases formativas iniciais. [Quando usamos os termos da *Dinâmica da Espiral*, desenvolvida por Don Beck e Christopher Cowan baseado no trabalho pioneiro de Clare Graves, elas são aproximadamente os "Memes ou "memes de valor" bege (arcaico), roxo e vermelho (mágico), azul (tradicional), laranja

(moderno), verde (pós-moderno), amarelo e turquesa (segunda camada).] Como comentado anteriormente, pesquisas empíricas de várias fontes diferentes sugerem que, neste país [EUA], aproximadamente 25% da população adulta adota valores tradicionais, 40%, valores modernos, 20%, valores pós-modernos, e menos de 2% estão em ondas de segunda ou terceira camadas de forma estável. Quando falamos de um "limiar de uma era integral", estamos nos referindo particularmente a esses 2%, à medida que o número de seus componentes começa a crescer significativamente – exatamente o que parece estar acontecendo no alvorecer desta era de síntese.)

Retornando ao nosso tópico: a interação mútua entre teorias e paradigmas – a moderna revolução quântica na física, por exemplo. Vários tipos inovadores de experiências (e.g., como a radiação do corpo negro) levaram finalmente à arrojada hipótese do quantum de Max Planck. Um novo modo de produção de dados deu à luz um mundo fenomenológico que não podia ser adequadamente explicado ou conceituado pelas teorias antigas e, assim, exigia novas teorias. Isto é, um novo exemplar, experiência, injunção, paradigma ou prática social estava desvelando, gerando ou atuando novos tipos de experiências, apreensões ou dados que não podiam ser adequadamente explicados ou conceituados no âmbito das teorias mais antigas (que se ajustavam adequadamente aos fenômenos dos exemplares e paradigmas mais antigos).

As teorias e práticas antigas ganharam legitimidade perante os olhos da comunidade de conhecimento engajada nessas práticas sociais ("ciência normal") justamente porque, em seus domínios fenomenológicos, essas teorias e práticas funcionavam, e funcionavam muito bem. Mas as novas práticas e as novas teorias que cresceram ao seu redor não podiam ser legitimadas no âmbito dos domínios de discurso mais antigos e, desse modo, ocorreu um choque entre exemplares e visões de mundo mais antigos e exemplares e visões de mundo mais novos. Um paradigma é um meio de produção ou de geração de fenômenos, uma prática social que atua ou dá à luz um mundo fenomenológico, e teorias são estruturas após-o-fato que tentam explicar ou elucidar os mundos recém-descobertos.¹

Colocado de forma simples, uma teoria é um mapa de um território, enquanto um paradigma é uma prática que dá à luz um território pela primeira vez. O paradigma ou prática social propriamente dito é chamado de "exemplar" ou "injunção", e a teoria é chamada, bem, de teoria. O ponto é que revoluções de conhecimento são geralmente combinações de novas práticas-paradigmas que dão à luz um território fenomenológico novo e de novas teorias e mapas que tentam oferecer algum tipo de orientação abstrata do relevo do novo território assim descoberto e gerado. Mas uma nova teoria sem uma nova prática é, simplesmente, um novo mapa sem território real, o que geralmente é chamado de "ideologia".

Uma revolução científica é o resultado de novos paradigmas e novas teorias que entram em acordo entre si, todos ancorados não em abstrações, mas em práticas sociais. Essas revoluções são acolhidas, no começo, por um punhado de indivíduos de vanguarda, mas, se validadas, esses novos exemplares/visões de mundo (paradigmas e teorias) são aceitos por uma cultura ou comunidade de conhecimento mais ampla, transformando-se em uma nova ciência "normal" ou "legitimada", que se estabiliza e segue adiante até surgir o próximo conjunto de dados incômodos, que se recusam a rebaixar-se ao esquema existente de coisas, quando aí novos territórios, até então desconhecidos, começam a surgir no horizonte do possível.

Acredito que um processo semelhante está acontecendo agora nos nascentes salões integrais que estão se formando espontaneamente em todo o mundo. Mas antes de discutirmos essa possibilidade em mais detalhe, eis aqui outro exemplo de revolução do conhecimento, dessa vez na política.

O surgimento das democracias representativas, liberais, modernas, no Ocidente envolveu, entre inumeráveis outras coisas, uma mudança significativa de valores tradicionais para modernos, que começou particularmente na Europa por volta de 1600 e acelerou-se até

uma aguda crise em meados de 1700. Valores tradicionais (e.g., azuis, associação-mítica, convencionais) tendiam a ser conformistas, etnocêntricos, hierárquicos, mítico-religiosos e baseados em indivíduos intensamente conformados com a ordem vigente. Valores modernos, por outro lado, tendem a ser igualitários (não-hierárquicos), individualista (não-conformistas), científicos (não-mítico-fundamentalistas), e enfatizam a igualdade (não-escravagistas).

Essa mudança do azul para o laranja, ou de valores tradicionais para valores modernos, foi pressagiada nos salões ou "reuniões restritas de modernistas" (salão provém da palavra francesa *salon*, mas essas reuniões também estavam acontecendo na Inglaterra, Escócia e Alemanha, entre outros), onde a prática social de dialogar de acordo com valores laranja foi cuidadosamente exercitada. Isto é, a prática do diálogo direcionada para o entendimento mútuo, troca recíproca, igualdade e liberdade pós-convencionais foi exercida por pequenos grupos de elite da vanguarda. Era o discurso dialógico, intersubjetivo, comunal, coletivo da onda de consciência laranja – uma prática social, paradigma ou injunção de discurso dialógico de uma subcultura de elite cujo centro de gravidade estava no laranja ou mais elevado.

Esse novo exemplar ou prática social ocasionou um conjunto de experiências inovadoras, *insights*, dados, iluminações e entendimentos interpessoais, que novas teorias políticas então buscaram captar. A maior parte dessas novas teorias de democracia liberal compartilhava a ideia de que o único caminho para integrar o individual e o social é fazer com que o indivíduo perceba que está participando das leis que governam seu comportamento. Nos Estados Unidos, isso foi popularmente resumido pela expressão: "nenhuma tributação sem representação", significando, em essência, que a pessoa têm o direito de ser autônoma. Essa nova prática de discurso dialógico e autonomia (geralmente conhecida por "contrato social") foi concebida de diferentes formas por indivíduos de vanguarda, desde John Locke a Jean-Jacques Rousseau, Thomas Paine a Thomas Jefferson, Immanuel Kant a James Madison.

A autonomia não é um requisito necessário para o azul (que cumprirá a lei se ela fizer parte da tradição), e nem para o vermelho (que cumprirá a lei se ela provier do líder poderoso). Somente o laranja é que leva a interioridade a exigir participação nas leis que regulam seu próprio comportamento.

(É claro que houve várias outras injunções sociais que fizeram parte do tetraespaço do mundo laranja, inclusive uma base industrial que foi um dos principais fatores na redução da necessidade da escravidão e que diminuiu a exigência de força física para se ter sucesso na esfera pública, desse modo abrindo caminho para, e na verdade permitindo, os vários movimentos de libertação, inclusive o feminismo e a abolição da escravatura. Mas aqui estamos focalizando o subconjunto de práticas ou paradigmas sociais, no âmbito da elite cultural nascente, que estava forjando uma nova e revolucionária forma de governo, que se tetraentrelaçaria com a nova base tecnoeconômica.)

Em resumo, a partir desse novo exemplar ou prática social de discurso dialógico laranja (que estava atuando e gerando um novo conjunto de experiências, dados e iluminações) logo surgiu uma nova teoria de controle político chamada de o contrato social, cuja forma geral é: qualquer sistema de governo legítimo é um contrato entre os governantes e os governados, tal que os dois governem mutuamente. Isso normalmente envolve a eleição de governantes pelos governados, de tal forma que a soberania, em última análise, apoie-se nos governados. Todas as democracias representativas, industriais, liberais baseiam-se hoje em algum tipo de contrato social, que foi primeiramente desbravado, de uma forma microquadrática, por uma reduzida elite cultural de vanguarda, que forjou novos tipos de prática social ou paradigmas, encarnando o desdobramento de uma onda de consciência mais elevada, mais ampla, mais profunda.

A grande possibilidade

E aqui estamos hoje, no limiar de uma era integral. A possibilidade – e no momento é apenas uma tênue possibilidade – é que uma nova e mais ampla onda de consciência – uma onda integral, uma era de síntese – esteja começando a emergir e a sobressair às outras ondas mais antigas (tradicional, moderna e pós-moderna), lançando cada uma delas (mas especialmente a onda pós-moderna) em uma crise de legitimação sobre sua própria validade – uma crise de legitimidade que só pode ser resolvida por um aumento de autenticidade, ou uma verdadeira transformação para a nova e mais abrangente onda integral em desdobramento.

Esse novo desdobramento envolverá, em termos de sua base paradigmática, um conjunto real de práticas sociais, não meramente uma nova teoria ou conjunto de teorias. Como vimos em detalhe no Excerto A e resumimos brevemente acima, um paradigma é uma prática social ou injunção comportamental, não simplesmente uma teoria ou construção intelectual (embora, claro, elas tetraevoluam juntas). Consequentemente, qualquer novo paradigma incluirá um conjunto de exemplares e práticas – práticas que, se contiverem mais profundidade (ou Eros) que suas predecessoras, lançarão as abordagens antigas em uma crise de legitimação que só pode ser resolvida por uma transformação vertical ("revolucionária"); como afirmamos, a crise de legitimidade somente será resolvida por um aumento de autenticidade. Desse modo, um novo paradigma integral será um novo conjunto de injunções e práticas, não simplesmente teorias, não visões de mundo, não noções de teia da vida, não conceitos holísticos – mas práticas reais.

Que tipos de práticas poderiam ser o arauto da vanguarda da revolução integral? Com que se pareceriam essas práticas?

Pluralismo Metodológico Integral

No exemplo anterior sobre democracias representativas e o contrato social, apontamos para duas amplas áreas de prática social: uma macroprática (ou base tecnoeconômica), incluindo a industrialização que, apesar de todos os seus aspectos adversos e patológicos, apresentou também resultados positivos como a diminuição da necessidade de força física na esfera pública (o que abrandou a lei do mais forte e as hierarquias de força física), tetrassustentando visões de mundo que, pela primeira vez que na história, passaram a valorizar explicitamente a liberdade, independência e igualdade – tendo-se realmente lutado e morrido em revoluções por esses valores; e, em uma escala menor ou micro, essa revolução social que foi liderada por elites culturais cujas práticas sociais incluíram, pela primeira vez na história, de forma significativa, um discurso dialógico e um comportamento social conduzido pela onda de probabilidade de consciência pós-convencional laranja (onde "pós-convencional" não significa pós-cultural ou pós-social, apenas formas socioculturais pós-tradicionais). Nesse ponto, tratados teóricos escritos sobre o contrato social – por Rousseau, Locke, Jefferson – contribuíram efetivamente para um aumento da abrangência daqueles que desejavam implementar o novo paradigma ou prática em uma escala mais ampla, através de revolução se necessário (embora a reforma, se genuína – isto é, quando navega a nova onda de Eros – possa conseguir o mesmo aumento de autenticidade via uma rota mais tranquila e igualmente efetiva).

Hoje, que tipos de micropráticas de vanguarda poderiam ser o arauto de uma onda integral, pronta a emergir em ampla escala? É ainda um pouco cedo para especular, mas talvez possamos compilar algumas características possíveis.

Primeiramente, parece, seria uma metodologia (ou paradigma) expansiva e inclusiva, de modo a gerar os tipos de experiências que podem ser consideradas legítimas pela nova onda integral. Legitimidade, como vimos no Excerto A, envolve, entre outras coisas, a "credibilidade" de uma visão de mundo (e, portanto, a probabilidade que seus aderentes a adotem). Cada visão de mundo cultural (no QIE) é acompanhada por uma série de

paradigmas ou práticas sociais (no QID), e essas práticas ou injunções geram, atuam e dão à luz os tipos de experiências tidas como verdadeiras, boas, corretas ou – em geral – válidas, críveis e legítimas (sendo, então, codificadas na visão de mundo vigente, que, por sua vez, legitima as práticas sustentadoras dessa visão de mundo, que determinam os pensamentos e comportamentos dos membros da cultura ou subcultura particular: tetralegitimidade).

Antes de partirmos para algum tipo de paradigma integral, examinemos o paradigma básico que estaria tendo sucesso, isto é, a onda pós-moderna ou pluralista. Começando de fato há mais ou menos quatro décadas, a maioria dos paradigmas ou práticas sociais pós-modernos (encarnando a onda de probabilidade pluralista ou verde) envolveu um comportamento social baseado, normalmente, em discussões de grupo que tentavam incluir todos os participantes através de uma escuta não-crítica; esse comportamento social gerou experiências coletivas de solidariedade grupal e uma acusação do individualismo, com poderosa ênfase para a intersubjetividade, em todas as suas formas, e uma condenação do empirismo e subjetivismo; academicamente, textos escritos ou cadeias de significantes foram, então, desconstruídos de acordo com uma prática geral de inversão de hierarquias (trazendo o marginal para o centro e tornando o central, periférico – desse modo, desconstruindo toda e qualquer hierarquia prevaiente e hegemonicamente marginalizante, enquanto, simultaneamente, premiava demonstrações confessionais de diversidade); comportamentos não-convencionais eram, portanto, julgados pelo tom, não pelo conteúdo.

Em torno dessas práticas sociais bem específicas, todas ocorrendo no interior do espaço probabilístico da onda pluralista, surgiram várias visões de mundo que classificavam conceitualmente o que era legítimo nesse novo espaço de mundo, mapas para se achar o caminho nesse novo território. Isto é, a legitimidade, para a onda verde, significava adotar uma visão de mundo que fosse: não-hierárquica, não-crítica, não-marginalizante e não-classificatória. Aspectos positivos, como a intersubjetividade, poderiam fazer parte da legitimidade, desde que se ajustassem aos critérios excludentes precedentes (e.g., não era permitido à intersubjetividade ser desenvolvimentista).

Os benefícios da onda verde sadia foram muitos e profundos, incluindo a maioria das reformas ambientais e o movimento de direitos civis. Os pontos negativos, como a lista de legitimidade sugere, foram que muitas das características da legitimidade verde consistem em negativas (não-hierárquico, não-crítico, não-classificatório, não-...). Daí por que seu paradigma ou injunção social primário foi a desconstrução (qualquer que seja o nome, uma crítica radical e normalmente condenatória de tudo, exceto o pluralismo. O fato de isso ser uma contradição de desempenho – pluralismo significa aceitar todas as visões, não atacar muitas delas – foi geralmente omitido.). A desconstrução (ou demolição) funcionou muito bem, pelo menos inicialmente, porque o vermelho, o azul e o laranja construíram muitas coisas que precisavam ser desconstruídas ou postas abaixo. Mas uma vez que o trabalho desconstrutivo, em sua forma sadia, terminou, havia muito pouco para pôr em seu lugar em termos de reconstrução, porque uma verdadeira construção exige uma tomada de posição concreta, o que é desaprovado por essa forma de pluralismo. O fim do jogo do paradigma pluralista foi, assim, um comportamento policialesco muito frequente do pensamento social politicamente correto, inquisidores verdes e boomerite, sob qualquer forma, desagradáveis.

As práticas sociais da onda integral quase certamente incluirão os aspectos sadios da onda pluralista (via transcendência-e-inclusão whiteheadiana). Por exemplo, a desconstrução saudável (como um prelúdio para reconstrução) provavelmente continuará a desempenhar um papel central, da mesma forma que a hermenêutica e a pesquisa colaborativa. Mas um ingrediente-chave de práticas sociais integrais origina-se do que talvez seja a principal característica definidora da própria onda de probabilidade integral.

Isto é, enquanto todas as ondas de cultura e consciência precedentes (tradicional, moderna e pós-moderna) acreditavam que seus valores eram os únicos válidos ou corretos, qualquer onda integral reconhece a importância e a validade de todos esses valores, não apenas

como historicamente apropriados (o que as outras ondas reconhecerão), mas como ingredientes inerentes à espiral de crescimento e desenvolvimento atual. O laranja, por exemplo, afirma possuir verdades universais, verdades que cobrem todas as bases realmente importantes, mas rejeita verdades sinceras azuis e recua enojado em face do pluralismo verde. O pluralismo verde não se comporta melhor, já que afirma ser inclusivo e não-crítico, mas, na verdade, rejeita explicitamente valores vermelhos, rejeita explicitamente valores azuis e rejeita explicitamente valores laranja. Distinguindo-se de todas essas práticas sociais excludentes, uma onda integral tenta reconhecer, honrar e de fato incluir todos esses valores na espiral contínua de seu próprio desdobramento, reunindo, assim, o melhor do pré-moderno, moderno e pós-moderno, ao mesmo tempo em que não se submete exclusivamente a nenhum deles.

Portanto, o que isso significa em relação a práticas sociais? Se a onda integral inclui os princípios básicos das ondas de primeira camada (do tradicional ao moderno, até o pós-moderno) – e segue adiante com seus próprios emergentes definidos – uma prática social integral necessitaria incluir e exercitar todas as práticas, injunções e metodologias importantes das ondas de primeira camada, mas agora colocadas em uma moldura integral que incluísse suas contribuições duradouras, mas transcendesse suas parcialidades, absolutismos e práticas excludentes.²

O resultado seria um conjunto de paradigmas, injunções comportamentais e práticas sociais que poderia ser chamado de pluralismo metodológico integral. "Integral", no sentido que o pluralismo não é um mero ecletismo ou um saco de surpresas de paradigmas sem conexões, mas um metaparadigma que tece seus muitos fios em uma tapeçaria integral, uma unidade-na-diversidade que não despreza nem a unidade, nem a diversidade. "Metodológico", no sentido que é um paradigma efetivo ou um conjunto de práticas reais e injunções comportamentais para dar à luz um território integral, não meramente uma nova teoria ou mapas holísticos sem território. E "pluralismo", no sentido que não existe nenhuma injunção dominante ou privilegiada (exceto ser radical e completamente inclusivo). Diferentemente do pós-modernismo, que praticou um tipo de pluralismo excludente, condenando todos os outros valores de primeira camada (sem mencionar os valores de segunda camada), o pluralismo integral ou inclusivo é um conjunto conscienciosamente adotado de paradigmas comportamentais para reconhecer – e na realidade buscar – as verdades duradouras em praticamente todas as importantes metodologias das ondas de probabilidade de primeira, segunda e terceira camadas.

O Pluralismo Metodológico Integral (PMI) tem duas partes principais: paradigmática e metaparadigmática. O aspecto paradigmático significa uma compilação cuidadosa de todos os paradigmas ou metodologias predominantes de modos de pesquisa humana atualmente existentes – isto é, as metodologias importantes que, presentemente, são aceitas em seus próprios campos ou disciplinas. Já apresentamos (no Excerto A) uma visão geral de muitos desses paradigmas fundamentais – e continuaremos a explorar os paradigmas passíveis de inclusão à medida que prosseguirmos – da hermenêutica à fenomenologia, ao behaviorismo, à teoria de sistemas, à meditação, à pesquisa colaborativa, à busca da visão, à física quântica, à psicologia de profundidade, à biologia molecular. Todos os importantes modos de pesquisa humana possuem práticas e injunções gerais que geram e iluminam vários tipos de experiências, revelações, dados e fenômenos considerados legítimos pelas respectivas disciplinas, e um Pluralismo Metodológico Integral abre espaço, literalmente, para todos esses modos importantes de pesquisa.

Neste momento, não se tentará julgar se uma prática ou paradigma particular deve ou não ser incluído no conjunto. O fato é: esses paradigmas ou práticas já existem, eles estão sendo usados pelos seres humanos em todo o mundo – por homens e mulheres que estão sinceramente convencidos de que essas práticas geram algo de valor para si mesmos e para os outros – e, conseqüentemente, merecem uma audiência justa nos foros ou salões integrativos ora em processo nascente de auto-organização. A primeira parte, paradigmática, do PMI é, portanto, uma compilação respeitosa, sem julgamentos, das

principais metodologias para atuar, iluminar e gerar vários espaços de mundo ou modos de estar no mundo. Esses são os vários paradigmas ou metodologias que já existem e estão sendo praticados por homens e mulheres cuidadosos e preocupados por todo o planeta.

A segunda parte de qualquer pluralismo metodológico integral, a que evita transformá-lo em um ecletismo de primeira camada, é um metaconjunto paradigmático de práticas que relaciona conscienciosamente as várias etapas paradigmáticas entre si. Dito de forma simples, um pluralismo metodológico integral inclui não só uma compilação das mais importantes metodologias testadas pelo tempo, como também um conjunto de práticas que as entrelaça ou integra em formas de estar no mundo, que são radicalmente não-excludentes. Esse aspecto do PMI pode ser resumido como: "todo mundo está certo".

(Em termos técnicos, tal metaprática paradigmática atua um novo domínio nos domínios paradigmáticos atuados individualmente, de modo que seus fenômenos individualmente-atuados se superpõem, seus horizontes gerados se fundem até certo ponto, ocorrendo fenômenos atuados sobre fenômenos atuados que, conseqüentemente, geram, iluminam e desvelam mais fundamentalmente um novo território ou domínio de inter-relacionamentos integrais. Em outras palavras, um paradigma de paradigmas, o que significa, como agora sabemos, uma prática de práticas e não uma teoria de teorias.)

Esses tipos de práticas metaparadigmáticas – aplicáveis a um indivíduo, um grupo, um ambiente de pesquisa, uma sociedade – serão resumidos à medida que prosseguirmos, mas eis aqui uma rápida apresentação do que pode estar envolvido. Por favor, tenha em mente que, neste momento, estamos discutindo práticas integrais de vanguarda que, normalmente, não envolvem nada mais excitante do que debates acadêmicos enigmáticos, experimentos obscuros e correntes de discursos altamente técnicos – o que significa, chatos – em torno de questões de metodologia. Essas metodologias integrais, à medida que forem refinadas e aperfeiçoadas, e que começarem a vazar dos cenários dos salões integrais para a cultura em geral de uma forma mais popular, serão imensamente mais simples (e, espero, mais interessantes) do que suas formas pioneiras, colocando-se numa situação semelhante, digamos, a de uma calculadora portátil (que agora é do tamanho de uma caixa de fósforos) em relação aos computadores originais (que eram do tamanho de uma casa). Mas o ponto é essencialmente o mesmo: que tipos de práticas constroem pontes entre outras práticas?

Em um ambiente de pesquisa, por exemplo, uma prática metaparadigmática pode envolver "rastreamento simultâneo", onde fenômenos de vários domínios são rastreados simultaneamente de acordo com as metodologias aceitas desses domínios. Por exemplo, durante a pesquisa colaborativa (que atua o Quadrante Inferior Esquerdo ou dimensões intersubjetivas de estar no mundo), rastreia-se, simultaneamente, os padrões de ondas cerebrais dos participantes (o que desvela aspectos do Quadrante Superior Direito ou dimensões objetivas de estar no mundo) e, em seguida, procura-se por correlações entre essas dimensões. Essa prática de rastreamento simultâneo não é algo que ocorreria normalmente ao pluralista pós-moderno (que não acredita em ciência objetiva), nem ao cientista (que não acredita em pluralismo). Presos aos seus respectivos absolutismos de quadrante, eles raramente conversam entre si.

Nesse caso particular, o aspecto paradigmático do PMI inclui ambas as práticas (não apenas teorias, mas as práticas reais de se fazer pesquisa colaborativa e de se obter um padrão de fluxo cerebral através de um eletroencefalograma; em seguida, o PMI adiciona a segunda prática ou prática metaparadigmática, aquela do rastreamento simultâneo (ou aplicação conjunta das práticas, observando ativamente quaisquer correlações), a qual é uma prática que pode atuar, gerar e iluminar os inter-relacionamentos integrais entre vários hólons originalmente considerados separados ou até inexistentes. Em outras palavras, essa prática aplicada a um conjunto de práticas (ou esse metaparadigma aplicado a paradigmas individuais) gera e ilumina as interações mútuas entre ocasiões reais, e o faz somente de um espaço que a teoria chamaria, posteriormente, de uma onda de probabilidade de segunda camada. Isto é, práticas metaparadigmáticas manifestam-se unicamente no espaço

de mundo da consciência de segunda camada, desvelando relações integrais e holônicas que existem nas ondas de primeira camada, mas não são visíveis para elas.

Sob um ponto de vista mais pessoal, o PMI envolve coisas como a Prática Transformativa Integral (PTI), em que um espectro completo de potenciais humanos é simultaneamente acionado e exercitado a fim de atuar e gerar estados e estágios mais elevados do potencial humano, levando indivíduos, por sua própria crise de legitimação pessoal, a um aumento de autenticidade. Numa escala social, envolve a abordagem de males sociais com um conjunto de ferramentas integrativas, não uma série fragmentada de melhorias que, frequentemente, cria tantos problemas quanto os que resolve. Soluções de segunda camada para problemas sociais envolvem pesquisas sustentadas por modos que permitirão cada onda (e.g., roxa, vermelha, azul, laranja, verde) explorar livremente seus próprios potenciais, mas por caminhos que essas ondas não construiriam se partissem de suas próprias práticas excludentes. Em ambientes acadêmicos, o pluralismo metodológico integral permite a criação, não tanto de estudos interdisciplinares (que confirmam uns aos outros com seus preconceitos de primeira camada), mas de estudos transdisciplinares (que atuam um novo território de manifestações integrais entre antigas rivalidades).

Em geral, falando em termos laranja, qualquer tipo de Pluralismo Metodológico Integral permite a criação de um conjunto de ferramentas multiuso para abordar os problemas complexos da atualidades – individualmente, socialmente e globalmente – com soluções mais completas que têm chance de realmente fazer a diferença. Ou, dizendo a mesma coisa em termos verdes, um Pluralismo Metodológico Integral permite uma diversidade mais rica de interpretações do texto da vida, salientando uma clareira de consideração mútua, desse modo, não marginalizando nenhuma interpretação no processo.

Numa escala individual, a mesma abordagem pode ser aplicada a cada profissão, convertendo-a em uma prática de direito integral, medicina integral, negócios integrais, educação integral, política integral, ecologia integral, psicoterapias individual e familiar integrais e assim por diante. Veremos exemplos de muitas dessas práticas à medida que prosseguimos.

A maior parte das ferramentas para fazer tudo isso já existe (isto é, o PM do PMI já está por aí). Tudo que se precisa, pelo menos de início, são alguns princípios integrativos para dar partida à parte "integral" do PMI. Esses princípios heurísticos sugerem formas simples de uso dessas práticas já existentes, convertendo rapidamente cada uma delas em uma prática integral. Vamos apresentar três de tais princípios integrativos como exemplos.

A essência da Metateoria Integral: todo mundo está certo

Até agora falamos principalmente sobre práticas sociais de uma microelite, particularmente na academia. Como vimos, metodologias geram os tipos de experiências consideradas válidas e legitimadas pela comunidade de conhecimento praticante do paradigma: cada visão de mundo cultural (no QIE) é acompanhada por uma série de paradigmas ou práticas sociais (no QID), e essas práticas ou injunções geram, atuam e dão à luz os tipos de experiências consideradas verdadeiras, boas ou corretas pela comunidade de conhecimento (ou – em geral – são consideradas válidas, confiáveis e legítimas no âmbito dos horizontes gerados pelo paradigma), experiências que são sistematizadas pela visão de mundo legítima que, por sua vez, ajuda a controlar o comportamento (QSD) e os tipos de fenômenos considerados significativos (QSE) por membros da respectiva cultura (com todos eles, obviamente, tetraevoluindo e tetra-atuando mutuamente).

Em resumo, paradigmas ou metodologias, teorias ou visões de mundo crescem em torno de práticas sociais.³ Paradigmas dão à luz novos territórios, que novos mapas tentam refletir abstratamente.⁴ Com o Pluralismo Metodológico Integral não é diferente. É uma série de práticas concretas; ao usar essas práticas, ele atua, dá à luz, desvela e ilumina um conjunto de fenômenos, dados, experiências e preensões mútuas ou intersubjetivas – e ao redor

desse conjunto completo de revelações e novas experiências, crescem várias teorias e visões de mundo, teorias (e metateorias ou superteorias) que tentam elucidar, explicar e classificar a pletora de fenômenos (subjetivos, intersubjetivos, objetivos e interobjetivos) gerados pelas práticas sociais.

Com referência ao PMI, podemos apresentar seu ponto crucial muito simplesmente: se um indivíduo (e agora estamos falando principalmente da elite acadêmica) aceitar a validade básica da hermenêutica *E* da teoria de sistemas *E* da fenomenologia introspectiva *E* da ciência empírica *E* dos estados de consciência xamanistas *E* da psicologia do desenvolvimento *E* da pesquisa colaborativa *E* das ciências ecológicas *E* do contextualismo pós-moderno *E* da neurociência... Bem, talvez o ponto seja irritantemente óbvio. Se a legitimidade básica de todas essas metodologias testadas pelo tempo for aceita, então as experiências, que todas essas práticas sociais atuam, geram e iluminam, transformam-se em grãos para o moinho de uma nova superteoria ou metateoria que considera, ou pelo menos tenta considerar, todas elas de uma forma coerente e crível.

Nesse momento, uma tal metateoria é AQAL (pronuncia-se *aqual*), que é a abreviatura para "todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados, todos os tipos". Essa metateoria não precede o pluralismo metodológico integral, mas, como sempre, acontece o contrário. Isto é, os ingredientes da metateoria AQAL são os fenômenos (subjetivos, intersubjetivos, objetivos e interobjetivos) atuados e gerados por literalmente dúzias de metodologias, injunções, paradigmas e práticas testados pelo tempo. É a existência desses muitos paradigmas e práticas sociais – e os fenômenos por eles gerados – que são alguns dos ingredientes cruciais do Pluralismo Metodológico Integral (isto é, a parte "paradigmática" do PMI).

O componente inovador de uma metateoria AQAL é o aspecto metaparadigmático, ou as práticas sobre as práticas (que geram teorias sobre teorias, ou a metateoria ou superteoria conhecida por AQAL). Esse componente pode ser simplesmente resumido pela hipótese: "todo mundo está certo", gerando um metaprática que honra, inclui e integra os paradigmas e metodologias fundamentais das importantes formas de pesquisa humana (tradicionais, modernas e pós-modernas). Em outras palavras, as experiências atuadas por todas essas metodologias são consideradas legítimas pela hipótese AQAL e são ativamente cultivadas pelas práticas metaparadigmáticas – isto é, são ativamente cultivadas por um pluralismo metodológico integral, seja no cenário de pesquisa com o rastreamento simultâneo, no cenário pessoal com uma Prática Transformativa Integral, ou no cenário social com reformas revolucionárias que realmente funcionam porque potenciais de segunda camada estão eficazmente tetracomprometidos.

AQAL, portanto, é uma metateoria que tenta integrar a maior quantidade possível de material de um pluralismo metodológico integral, desse modo honrando a injunção básica de um abraço integral: todo mundo está certo.

O primeiro princípio útil: não-exclusão

Em um nível metateórico, como incorporar exatamente em um rede integrativa o que, às vezes, são paradigmas conflitantes é uma questão difícil e delicada. Se aceitarmos a validade de uma pluralidade ou multiplicidade de paradigmas e seus fenômenos atuados – considerando que muitos desses paradigmas não aceitam, expressando-nos educadamente, uns aos outros – como inter-relacioná-los em um todo coerente torna-se uma tarefa realmente difícil. Afirmar que "todo mundo está certo" é uma coisa; inter-relacionar todo mundo de uma forma aceitável é outra.

Parece que existem pelo menos três princípios ou diretrizes integrativos que são úteis nessa empreitada – isto é, três diretrizes que podem ajudar a incorporar o maior número de verdades do maior número de fontes (e, assim, validar o maior número de pessoas que já estão, de alguma forma, engajadas nessas práticas).

O primeiro princípio integrativo útil é a não-exclusão. Não-exclusão significa que podemos aceitar as afirmações de verdade válidas (isto é, as afirmações de verdade que passam pelos testes de validade de seus próprios paradigmas em seus próprios campos, seja a hermenêutica, a espiritualidade, a ciência, etc.) enquanto fizerem declarações sobre a existência de seus próprios fenômenos atuados e descobertos, mas não quando fizerem declarações sobre a existência de fenômenos atuados por outros paradigmas. Isto é, um paradigma pode, competentemente, fazer julgamentos no âmbito do seu próprio espaço de mundo, mas não nos espaços atuados (e somente vistos) por outros paradigmas.

Por exemplo, podemos considerar temporariamente verdadeiro, como afirma a física empírica, que uma molécula de água contém dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio. Essa é uma verdade provisória, estabelecida por paradigmas da ciência natural empírica testados pelo tempo, concernente a afirmações sobre a existência de fenômenos que são atuados, gerados e iluminados por um elaborado conjunto de paradigmas ou práticas sociais seguidos por cientistas físicos. (Você já viu um átomo de hidrogênio? Nem eu, porque não é uma experiência que fica lá fora, no mundo sensorio, esperando por todo mundo junto para vê-la, mas uma série de experiências que são atuadas e dadas à luz por elaborados paradigmas e injunções da ciência física. Mesmo assim, no âmbito desses paradigmas, temos razões para supor que essas afirmações sejam verdadeiras. Desse modo, AQAL aceita essa suposição sob a diretriz metaparadigmática de que "todo mundo está certo". Eu acredito quando esses cientistas me dizem que a água consiste de dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio, porque são homens e mulheres decentes empenhados em sua prática social com integridade e, até onde posso dizer, eles nunca mentiram para mim antes. Entretanto, se eu quiser, posso passar quatro ou cinco anos aprendendo a praticar o paradigma e descobrir por mim mesmo, mas acho que, por enquanto, aceitarei sua palavra sobre o assunto. E note que, no âmbito do paradigma da ciência física, você pode fazer julgamentos sólidos: é categoricamente falso que a água contenha oito átomos de hidrogênio. Assim, afirmações de "correto" e "incorreto" podem ser conferidas no âmbito dos paradigmas.)

Mas quando a ciência física deixa de fazer afirmações sobre os fenômenos atuados por seus próprios paradigmas e começa a fazer afirmações sobre fenômenos gerados por outros paradigmas – seja a hermenêutica, psicologia de profundidade ou espiritualidade – nós temos o direito de – como posso me expressar amavelmente? – dar um grande bocejo. Se você não se empenhou no paradigma, injunção, ou prática social de outra disciplina (seja a pesquisa colaborativa na hermenêutica, a fenomenologia na psicologia de profundidade ou a meditação na espiritualidade) – não tem acesso a fenômenos atuados e revelados pelo respectivo paradigma e, desse modo, não é competente para fazer julgamentos nesse domínio, não mais do que alguém que se recuse a aprender física tem competência para duvidar da existência de átomos de hidrogênio de forma significativa.

Não-exclusão significa que o paradigma de um campo pode ser usado para se pronunciar sobre os fenômenos do campo, mas não sobre os fenômenos de outro campo gerados por paradigmas diferentes – e, obviamente, não pode ser usado para negar, excluir, marginalizar, oprimir, colonizar ou praticar quaisquer outros atos de violência contra outros paradigmas, outros campos, outros domínios de dados, outras experiências, dados à luz por outras injunções legitimamente comprometidas. Em resumo, um paradigma não pode ser usado, por si mesmo, para excluir outros paradigmas legitimamente atuados.

Se aceitarmos o princípio da não-exclusão, então – nesse exemplo particular usando a física – deparamos com a seguinte tarefa: considerados as experiências, dados e fenômenos gerados pelas ciências físicas, como nós, conceitualmente, podemos encaixá-los em um esquema que dê lugar (ou não exclua) aos outros fenômenos dos muitos outros paradigmas? Em outras palavras, como podemos aceitar a existência dos fenômenos da ciência física sem que eles excluam ou neguem outros fenômenos?

É aí onde uma metateoria ou superteoria de domínios de dados relacionados mostra-se útil. Qualquer metateoria integral plausível – em virtude de sua tentativa de reconhecer todos os principais paradigmas legítimos de vários campos – fixaria limites implícitos para a credibilidade de um único paradigma operando por si mesmo. Uma metateoria integral iria, na realidade, libertar o paradigma, limitando-o.

Agora, quando um paradigma ultrapassa sua autoridade e começa a fazer pronunciamentos sobre fenômenos gerados por outros paradigmas, o único princípio diretor desses pronunciamentos tende a ser: "eu estou certo, você está errado". Meu paradigma é o melhor, único, verdadeiro e/ou autêntico modo de pesquisa, e os fenômenos do seu paradigma podem todos ser reduzidos aos fenômenos gerados pelo meu paradigma. Se for um inflexível cientista físico, você imagina que os fenômenos gerados por outros paradigmas (como hermenêutica, meditação, teoria de sistemas ou pós-modernismo) podem todos ser reduzidos a uma "consiliência" de leis que governam as partículas físicas fundamentais; e se for pós-modernista, você retribui o favor e afirma que todas as partículas físicas nada mais são do que construções sociais, uma realidade revelada somente por seu próprio paradigma desconstrutivista. Desse modo, a luta por sobrevivência de primeira camada continua.

"Libertar um paradigma, limitando-o" significa que, com uma orientação integral, os limites já existentes de um paradigma particular tornam-se mais óbvios e, desse modo, quando operando dentro desses limites, os seus pronunciamentos tornam-se até mais críveis, enquanto pronunciamentos fora de seus limites tornam-se muito menos aceitáveis. Parte do problema com paradigmas individuais, e com os campos que crescem ao seu redor, é que quando esses paradigmas fingem cobrir toda a realidade e falham na tentativa, o paradigma inteiro é questionado e frequentemente rejeitado, quando o que precisa ser questionado são suas afirmações de exclusividade.

Se o paradigma recusa-se a reconhecer seus limites já existentes, ele começa a emitir notas promissórias ("eu não consigo explicar toda a realidade hoje, mas poderei fazê-lo amanhã, eu prometo" – o materialismo, por exemplo, tem emitido essas notas promissórias com prazer crescente por dois mil anos e nunca descontou uma sequer), ou o paradigma inteiro é rejeitado com fastio, se não por seus praticantes, reduzidos a apêndices conciliatórios do paradigma em questão, pelo resto do mundo. Mas ao se limitar a aplicabilidade do paradigma ao âmbito dos seus limites já existentes, seu potencial real, dentro desses limites, liberta-se para dar suas próprias contribuições cruciais. Conseqüentemente, "libertar um paradigma, limitando-o" significa permitir que domínios de dados diferentes retenham sua própria realidade, mas não invalidem a realidade de outros.

No presente exemplo da física, a pergunta é: "Como podemos considerar a existência dos fenômenos da ciência física sem que esses fenômenos excluam e neguem outros?". A metateoria AQAL sugere uma tal interpretação integral, ou seja: os paradigmas aceitos das ciências físicas (e.g. química e física) estão descobrindo as dimensões de terceira pessoa do singular de hólons acessados e dados à luz por uma onda de probabilidade laranja ou mais elevada. No âmbito desse local bem definido do espaço-tempo da matriz AQAL, levamos as ciências físicas muito a sério. Fora desse local, elas simplesmente não estão qualificadas a emitir julgamentos aceitáveis.

O mesmo acontece com a pesquisa colaborativa, fenomenologia, pós-modernismo intersubjetivo, teoria de sistemas interobjetiva, e assim por diante. Todo esses paradigmas legitimamente atuados estão dando à luz e destacando vários locais da matriz AQAL. (Como sabemos disso? Porque numerosos seres humanos já estão usando essas práticas, portanto elas devem estar em algum lugar de qualquer mapa adequado do que é.) Talvez elas estejam iluminando modos de primeira pessoa do singular de estar no mundo em uma onda amarela (e, portanto, ativando impulsos psicológicos de autorrealização); talvez elas estejam iluminando modos de segunda pessoa do plural de estar no mundo em uma onda verde (ativando uma preocupação sincera com diversidade e sensibilidade multiculturais);

talvez elas estejam iluminando modos de terceira pessoa do plural de estar no mundo em uma onda de turquesa (desse forma, ativando uma profunda preocupação ecológica por todos os seres vivos); talvez elas estejam iluminando modos de primeira pessoa do plural de estar no mundo em uma onda azul (ativando uma preocupação sincera pela estabilidade e responsabilidade sociais); ou talvez elas estejam perfurando modos de terceira pessoa do singular de estar no mundo em um nível microscópico e, assim, tentando descobrir a cura para o vírus HIV.

Todos esses paradigmas e práticas sociais têm o direito de nos falar sobre suas verdades próprias; por outro lado, eles não têm o direito de excluir outras verdades. Donde, o primeiro princípio integral útil: o da não-exclusão.

O segundo princípio útil: desdobramento

O princípio da não-exclusão vai longe, ajudando-nos a integrar uma pluralidade ou multiplicidade de paradigmas (e, desse modo, desenvolver uma metateoria que é verdadeira para os fenômenos atuados pelas práticas sociais de um pluralismo metodológico integral). Mas mesmo no âmbito da não-exclusão, surgem numerosos conflitos, e como integrá-los torna-se uma questão urgente. É aí que o segundo princípio integrativo, o desdobramento, pode ser útil.

Eis aqui um exemplo simples. Imagine o tempo em que os átomos, mas não ainda as moléculas, haviam surgido. Átomos – como o átomo de hidrogênio – era mais inclusivos que seu subcomponentes – prótons, nêutrons e elétrons. Desse modo, naquele tempo, os átomos eram os hólons mais integrados, mais holísticos, mais inclusivos, mais evoluídos, mais profundos, existentes. Quando os átomos emergiram, eles não tornaram os prótons e nêutrons "errados", apenas parciais. Os prótons e nêutrons eram agora verdades que faziam parte de (ou estavam incluídas em) uma verdade ainda maior. Da mesma forma, quando moléculas emergiram e incluíram átomos como subcomponentes ou sub-hólons em sua própria estrutura, isso não tornou os átomos errados, apenas parciais: verdadeiros, mas parciais, ou uma totalidade que agora fazia parte de uma totalidade maior. Quando as células emergiram e incorporaram as moléculas, isso não tornou as moléculas erradas, inexatas, estúpidas, ilusórias, ou qualquer coisa do tipo – apenas, verdadeiras, mas parciais.

Parece existir uma razão geral para esse movimento "verdadeiro, mas parcial", ou seja, a natureza whiteheadiana da existência momento a momento. Como vimos no Excerto A, cada momento apreende, percebe ou inclui seu predecessor e, então, também adiciona um aspecto novo, criativo ou inovador que vai além de, ou transcende, qualquer coisa do momento prévio, de forma que cada momento transcende e inclui seu antecessor. Esse é outro modo de dizer que cada momento é verdadeiro e que cada momento subsequente transforma-o em verdadeiro, mas parcial. Cada momento é um todo que se torna parte do todo do momento seguinte. Cada momento, ou cada ocasião real, é um todo/parte, ou um hólón. Quando ele surge, é a verdade completa; quando ele passa, é meramente uma verdade parcial de desdobramentos ainda mais amplos.

O padrão holônico ou holárquico de existência fluente – transcender e incluir – é resumido pelo princípio do desdobramento. Esse princípio heurístico sugere que todos os paradigmas, como todos os momentos, são em si mesmos verdadeiros e adequados; mas alguns paradigmas podem ser mais abrangentes, mais inclusivos, mais holísticos. Isso não significa que os outros paradigmas sejam inexatos, estúpidos, ilusórios, ou qualquer coisa do tipo – eles são verdadeiros, mas parciais.

Como podemos passar da não-exclusão para o desdobramento de forma aceitável? Ajuda se, primeiramente, exprimirmos o princípio central da não-exclusão da seguinte forma: nenhuma mente humana produz 100% de erro. Se olhar para a plethora de metodologias nas artes e ciências humanas, você descobrirá a fenomenologia, a hermenêutica, o estruturalismo, o pós-estruturalismo, a pesquisa colaborativa, a epistemologia participativa,

a teoria de sistemas sociais, a modelagem matemática de computadores, e assim por diante. Como acabamos de notar, inumeráveis seres humanos já estão engajados em todas essas práticas. Não é o caso de saber se quaisquer dessas práticas são válidas ou não; é um fato notório que um número extraordinário de seres humanos brilhantes, inteligentes, cuidadosos e preocupados já praticam esses paradigmas há décadas. Isso não significa que os paradigmas não possam ser criticados; mas significa, claramente, que essas práticas contêm, inevitavelmente, algum tipo de verdade, porque nenhum ser humano erra 100%. Ou, poderíamos dizer, ninguém é suficientemente inteligente para estar errado o tempo todo. Portanto, a única pergunta realmente interessante não é por que o pós-estruturalismo está certo e o estruturalismo está errado, mas, em primeiro lugar, que tipo de universo permite que ambos surjam?

Já que o Kosmos é construído de tal forma que permite claramente que todos esses paradigmas surjam e sejam praticados por seres humanos sinceros, então que tipo de estrutura metateórica integral pode mais elegantemente elucidar tal Kosmos, uma estrutura que inevitavelmente encontre um lugar para todos esses paradigmas em um pluralismo metodológico integral? Se prosseguirmos com o princípio global que "todo mundo está certo" e perseguirmos o princípio regulador da não-exclusão de forma sustentada, encontraremos finalmente uma manifestação do desdobramento, em que certas situações, por si mesmas, criticam suas próprias manifestações menos adequadas.

Por exemplo, um caso clássico de "choque de paradigmas" é aquele entre o sistema ptolemaico e o copernicano. Quando afirmamos que nenhum paradigma legitimamente atuado está totalmente errado, note que muitos componentes do sistema ptolemaico foram de fato assumidos e incluídos no sistema copernicano (como planetas e órbitas esféricas, concepções extremamente originais para a época). Nesse caso, o verdadeiro choque de paradigmas envolveu, como sempre, um choque entre práticas e não apenas entre teorias. A visão copernicana suplantou a ptolemaica porque as práticas científicas sociais de medição planetária tornaram-se tão refinadas e precisas – principalmente nas mãos de Tycho Brahe – a ponto de Johannes Kepler poder sugerir três leis do movimento planetário que explicavam aqueles fenômenos recém-atuados (isto é, elaborar uma teoria para acolher os dados atuados e gerados pelo exemplar refinado de Brahe). Isaac Newton reconheceu imediatamente a natureza mais adequada de uma teoria heliocêntrica elíptica, e a visão "copernicana" transformou-se na interpretação científica mais aceita dessas experiências recém-atuadas.

Em outras palavras, Ptolomeu estava certo, mas parcialmente; por sua vez, Copérnico, estava certo, mas parcialmente. E agora sabemos que Kepler estava certo, mas parcialmente: de acordo com a teoria da relatividade, qualquer ponto do universo é central para todos os outros; assim, tanto a teoria heliocêntrica quanto a geocêntrica são verdadeiras, dependendo do ponto de observação (isto é, a posição da qual se lança o paradigma ou prática). A perspectiva da relatividade transcende e inclui os ptolemaicos e copernicanos.

Assim, novamente, nenhum paradigma é simplesmente errado – verdadeiro, mas parcial, sim – "todo mundo está certo". Mas uma metateoria integral complementa: "correto somente quando se refere a fenômenos atuados pelo paradigma particular". E nós dissemos que tal não-exclusão normalmente desvela um desdobramento que é envolvimento: em qualquer corrente de desenvolvimento particular, ondas sucessivas transcendem e incluem suas predecessoras e, dessa forma, cada onda é adequada, cada onda sucessiva é mais adequada. Nunca chegaremos a um ponto onde possamos afirmar: agora temos a verdade, e todas as ondas predecessoras são inadequadas. Nós hoje nos colocamos perante a visão de mundo ptolemaica da mesma forma que o mundo de daqui a mil anos colocar-se-á perante nossa visão de mundo da relatividade: a interpretação da relatividade mostrar-se-á não propriamente errada, mas muito parcial, quando julgada por uma visão de mundo que transcenderá e incluirá os aspectos duradouros da relatividade em um sistema que, todavia, fará a relatividade parecer tão estranha quanto os epiciclos ptolemaicos. (Note que

recentemente vários laboratórios já geraram fenômenos mais rápidos que a luz. Isso não significa que a teoria especial da relatividade esteja errada, porque na maioria dos casos a velocidade da luz não pode ser excedida, mas existem agora outras perspectivas que são "mais verdadeiras" que a relatividade.)

Portanto, todo mundo pode estar certo, porque algumas visões são mais corretas que outras. Nenhuma está errada; alguns são simplesmente mais inclusivos, mais abrangentes, mais holísticas, mais integrativas, mais profundas, mais transcendentais-e-inclusivas – infinitamente. Mas o fato que as moléculas são mais inclusivas que os átomos não significa que possamos esquecer-nos dos átomos, ou que os átomos possam ser descartados, ou que os átomos não possuam nenhuma verdade real a oferecer exatamente como são. Uma verdade parcial ainda é uma verdade.

A metateoria AQAL trata disso com a seguinte interpretação: especifique o local na matriz AQAL do qual um paradigma legítimo foi lançado, e os fenômenos atuados e gerados por esse paradigma são tão verdadeiros quanto possível para aquele local. "Indexação AQAL" ("posicionamento integral" ou "conferência holônica" [vide a seguir]) permite que paradigmas individuais possam ser acomodados lado a lado na tabela integrativa, de forma que cada paradigma individual seja honrado e reconhecido.

Até mesmo Ptolomeu? Sim: se você estiver na Terra e observar o movimento dos planetas, o mapa ptolemaico é fenomenologicamente 100% preciso: você verá exatamente o que Ptolomeu disse que você veria; ele tinha um paradigma legítimo – ou uma prática para gerar uma série de experiências – e um mapa preciso para combiná-las. Essa verdade simplesmente deixa de ser "a" verdade completa quando se percebe que existem outras perspectivas no Kosmos, inclusive a heliocêntrica e a acêntrica; mas com o seu paradigma, ele acertou na mosca.

É claro que, no âmbito de um paradigma, existem dados, fenômenos, mapas e julgamentos corretos e incorretos. Por exemplo, Ptolomeu deve ter cometido alguns erros em suas medidas, mas esses erros puderam ser corrigidos pelo próprio paradigma prevaente. O mesmo aconteceu com Tycho Brahe. Quando dizemos que "todo mundo está certo" e "todas as verdades parciais são transcendidas e incluídas", não queremos dizer, obviamente, que os erros dentro dos paradigmas também são incluídos: eles fazem parte da bagagem que é negada ou transcendida de uma forma saudável.

O princípio integrativo do desdobramento nos permite reconhecer as muitas verdades reais, mas parciais, em qualquer manifestação evolucionária ou desdobrada. Note, porém, que o desdobramento não é um princípio intercorrente: isto é, não pode ser usado para violar o princípio da não-exclusão – ele se aplica apenas a fenômenos na mesma linha de desenvolvimento ou corrente paradigmática. Julgamentos interparadigmáticos ou intercorrentes, como veremos, precisam ser inseridos em um contexto que também inclua o terceiro princípio integrativo (o da atuação), que discutiremos em breve.

O princípio do desdobramento, como sugerido, também pode ser chamado de princípio do envolvimento – eles são os dois lados da moeda da mesma corrente preensiva. Cada momento desdobra-se numa expansão nova e criativa que envolve e abraça seus predecessores (um Eros que sobe e um Ágape que desce). O processo preensivo de desdobramento/envolvimento de qualquer corrente também pode ser chamado de "princípio do crescimento natural", e eu concordo plenamente com Whitehead que, sem uma inovação criativa desdobrada e um abraço amoroso envolvente, seria extremamente difícil dar conta da existência momento a momento em qualquer domínio.

O princípio do desdobramento é particularmente útil quando aplicado a itens como o desdobramento de visões de mundo no sentido mais amplo – as ondas de Jean Gebser, por exemplo, que se desdobram do arcaico para o mágico, para o mítico, para o mental, para o integral. Cada uma delas, quando emerge, é a verdade e a verdade completa daquele

tempo; cada uma é adequada, integrativa, holística e abrangente para seu tempo e lugar. (Estamos discutindo, claro, as versões saudáveis dessas ondas, o que não evita que algumas delas surjam em versões patológicas que, dessa forma, serão menos adequadas que suas predecessoras. "Desdobramento" não necessariamente significa "progresso". Existe apreensão patológica tanto quanto apreensão sã; repressão em vez de transcendência; dissociação em vez de diferenciação; alienação em vez de acolhimento. Mas, agora, estamos discutindo a apreensão whiteheadiana saudável no processo dinâmico de desdobramento e envolvimento.) Embora toda onda seja holística e integrativa, cada onda sucessiva transcende e inclui seus princípios básicos (através de uma unificação apreensiva – que reconstruímos como tetrapreensão) e, portanto, é mais holística, mais inclusiva, mais abrangente.

Em resumo, no desdobramento saudável, cada onda é holística, cada onda sucessiva é mais holística. Assim, as ondas precedentes não se tornam inúteis, erradas ou ilusórias, mas continuam a contribuir com suas verdades, hólons, atuações e expressões duradouras, que estão agora envolvidas na espiral de desdobramento contínuo – da mesma maneira que átomos e moléculas continuam a funcionar em células sãs.⁵

Desdobramento, portanto, nos sugere "verdadeiro, mas parcial", e isso nos permite reconhecer paradigmas legítimos como sendo ondulações no oceano AQAL em um local particular do espaço-tempo. Quando o desdobramento é combinado com a não-exclusão, temos duas ideias reguladoras ou princípios integrativos que são úteis para honrar a injunção primordial da metateoria integral: "todo mundo está certo" (uma vez que eles já estão fazendo isso de qualquer maneira). Baseado nesses dois princípios, podemos começar a construir uma rede, matriz ou grade plausível – neste caso, chamada AQAL – que honra o maior número de verdades do maior número de paradigmas ou práticas humanas de pesquisa.

No curso de tal construção, um terceiro princípio rapidamente se apresenta.

O terceiro princípio útil: atuação

A essência da revolução pós-moderna, pós-kantiana (que está por trás de tudo, desde a hermenêutica ao contextualismo, ao construtivismo) é que fenômenos (como o átomo de hidrogênio) não estão simplesmente lá fora aguardando para que todos os vejam, uma visão agora considerada "desesperadamente ingênua" e chamada de "o mito do dado" (o ponto é que nenhum fenômeno é meramente dado). Pelo contrário, os fenômenos são atuados, gerados, desvelados e iluminados por uma série de comportamentos do sujeito observador. Dizemos que os fenômenos são atuados e gerados por injunções, paradigmas ou práticas sociais ("se você quiser saber aquilo, deve fazer isto"). E eis aqui o cerne da questão: todos os paradigmas ou injunções são iniciados por um sujeito (ou grupo de sujeitos), e todos os sujeitos têm disponível para si diferentes estados de ser ou estados de consciência. Segue daí que um estado de consciência diferente dará à luz um mundo diferente.

Tal é exatamente o princípio da atuação. A subjetividade (ou a intersubjetividade, que discutiremos mais tarde) dá à luz um mundo fenomenológico na atividade de conhecer esse mundo. Neste momento, permita-me ir adiante e simplesmente apresentar a interpretação AQAL dessa revelação pós-moderna.

Sujeitos não percebem mundos, e sim os atuam. Diferentes estados dos sujeitos dão à luz diferentes mundos. Para AQAL, isso significa que um sujeito pode estar em uma onda particular de consciência, em uma corrente particular de consciência, em um estado particular de consciência, em um quadrante ou outro. Isso significa que os fenômenos gerados por vários tipos de pesquisa humana serão diferentes, dependendo dos quadrantes, níveis, linhas, estados e tipos dos sujeitos que estão dando à luz os fenômenos. Um sujeito em uma onda de consciência não atuará e gerará o mesmo espaço de mundo

que um sujeito em outra onda; o mesmo sucede com quadrantes, correntes, estados, e tipos (como veremos em mais detalhes).

Isso não quer dizer que os fenômenos não estão objetivamente lá de uma forma significativa; quer dizer que os fenômenos não estão lá para todo mundo. Macbeth existe, mas não para o meu cachorro. As células com DNA existem, mas só podem ser vistas por sujeitos usando microscópios (os quais não existiram até a onda laranja, daí por que as células não "existiam" ou se distinguiam para as visões de mundo mágica e mítica; você não consegue encontrar nenhuma menção ao DNA em qualquer texto mágico ou mítico. Isso não significa que o DNA não estivesse lá, apenas que ele não "existia" para essas visões de mundo). O Nirvana existe, mas não para estados dualistas de consciência, e assim por diante. Os fenômenos existem, mostram-se ou brilham somente para sujeitos que podem atuá-los e co-criá-los (ou, mais tecnicamente, só quando são tetra-atuados).

Retornaremos à ideia de atuação ao longo desta discussão (particularmente no Excerto D); por ora, o conceito é útil porque nos oferece outro motivo para honrar, reconhecer e integrar um grande número de paradigmas que, de outra forma, seriam "incomensuráveis". A maioria dos "choques de paradigmas" são normalmente julgados "incomensuráveis" – significando que não existe nenhum modo de juntar os dois paradigmas – mas isso acontece apenas porque as pessoas focalizam os fenômenos, não as práticas. Mas se percebermos que os fenômenos são atuados, gerados e desvelados por práticas, então perceberemos que o que pareciam ser "fenômenos ou experiências conflitantes" são simplesmente experiências diferentes (e totalmente compatíveis) dadas à luz por práticas diferentes. Adote as práticas diferentes e você verá os mesmos fenômenos que os aderentes do paradigma supostamente "incomensurável" estão vendo.

Consequentemente, a "incomensurabilidade" não é insuperável, ou mesmo uma barreira significativa, para qualquer tipo de abraço integral.

Hoje temos um paradigma da física convencional ou ortodoxa, dizendo que todas as realidades realmente importantes no universo são partículas fundamentais como quarks, léptons, bósons, cordas, e assim por diante. Nada mais é basicamente real; tudo o mais é essencialmente uma combinação dessas realidades fundamentais. Há também um paradigma meditativo que diz que todas as realidades realmente importantes no universo são criadas pelo próprio fluxo mental, a corrente de consciência primordial que manifesta o universo inteiro, inclusive os quarks e léptons. Agora, se focalizarmos meramente os fenômenos – as experiências ou dados gerados por essas duas escolas – fica de fato difícil reconciliá-los de forma aceitável. Ambas insistem que, quando se trata do essencial, uma está certa e a outra, errada. Mas se percebermos que os fenômenos de cada escola são, na verdade, atuados e gerados por práticas (injunções, paradigmas), então passamos a ter uma situação completamente diferente: colocamos todos os fenômenos (científicos e meditativos) na tabela integrativa, aceitamos todos eles como verdadeiros mas parciais, e então nos perguntamos: que metateoria pode acomodar de forma aceitável ambos os conjuntos de dados?

A razão por que uma metateoria integral pode realmente funcionar é que ela se baseia na possibilidade de uma verdadeira prática metaparadigmática – com certeza em teoria e frequentemente na prática – isto é, um sujeito único pode atuar ambas as práticas e ver por si mesmo se elas geram fenômenos verdadeiros ou experiências críveis. Se, por outro lado, assumirmos que os fenômenos provêm do mesmo espaço de mundo e eles se mostrarem conflitantes (e mostrar-se-ão), então uma metateoria integral será impossível. Mas se notarmos que essas práticas diferentes geram domínios fenomenológicos diferentes, os respectivos fenômenos podem ser integrados através de uma estrutura plausível, coerente, integrativa, que dá lugar a todos os espaços de mundo atuados – precisamente o que AQUAL tenta fazer.

A metateoria AQAL, portanto, dá a seguinte interpretação para o "choque de paradigmas" acima entre a física e a meditação: o físico do exemplo está destacando as dimensões de terceira pessoa do singular de estar no mundo, e o faz de uma onda de consciência laranja (sob essa perspectiva, os quarks realmente "existem" ou mostram-se em um espaço de mundo; novamente, isso não significa que os quarks não existam, em um certo sentido, antes da consciência laranja, apenas que eles não "existiram" ou tornaram-se aparentes para os humanos até que essa estrutura viesse à tona). O meditador, por outro lado, está ativando as dimensões de primeira pessoa do singular de estar no mundo, e o faz de um estado de terceira camada (sob essa perspectiva, você realmente pode realizar o nirvana, um estado que de fato "existe" ou pode ser percebido nesse espaço de mundo). Os dois praticantes veem coisas diferentes, veem mundos diferentes, porque eles atuam práticas sociais diferentes, paradigmas diferentes, injunções diferentes. Porém, mude sua prática e você verá um mundo diferente, essencialmente o mesmo mundo diferente visto por quem lhe causava indignação nesse denominado choque de paradigmas.

E o que acontece quando um sujeito pratica tanto a física convencional quanto a meditação? Basicamente duas coisas: primeira, ele quase sempre concorda que os quarks e o nirvana são efetivamente reais; e segunda, ele quase sempre concorda que a base do nirvana é mais abrangente que a do quark. Mais precisamente, ele tende a ver a realidade ou base de um estado incluindo ou envolvendo fenômenos manifestos, como quarks. Esse é o princípio geral do envolvimento, mas agora operando de uma forma metaparadigmática ou interparadigmática (ação que Shankara denominou "sublação"). Todavia, mesmo em sua forma interparadigmática, o envolvimento nunca afirma que outra verdade não é verdadeira, apenas que é menos verdadeira. Novamente, nada é perdido, tudo é envolvido.

Quantum Questions é uma antologia de textos de muitos dos grandes físicos pioneiros que também vivenciaram profundas realizações espirituais ou de terceira camada, incluindo Erwin Schroedinger, Niels Bohr, Werner Heisenberg, Sir Arthur Eddington, Louis de Broglie, Wolfgang Pauli, Sir James Jeans, Max Planck e Albert Einstein. No mínimo, todos esses sujeitos, que tiveram familiaridade de primeira pessoa com ambos os paradigmas, foram unânimes que os fenômenos dos dois paradigmas não eram categoricamente incomensuráveis. A famosa afirmação de Eddington que resume esse fato é que os fenômenos da física nem provam nem contestam os fenômenos do misticismo. Esta é uma excelente declaração de não-exclusão.

Entretanto, dois paradigmas quaisquer podem ser intercomparados por sujeitos que demonstrem competência em ambos; quando esses físicos/místicos fizeram isso, eles tenderam a concluir que ou a físis (matéria) era uma manifestação de uma realidade mais elevada (espírito) que a envolvia, ou que ambos, físis e espírito, eram aspectos de um todo maior. Essas duas conclusões são versões do envolvimento (tudo do mais baixo está no mais alto, mas nem tudo do mais alto está no mais baixo).

Finalmente, vários desses praticantes, como Schroedinger e Eddington, foram além e assinalaram que o que é necessário para "ver" tudo isso é uma mudança de estado por parte do vidente ou sujeito: a noção de atuação. Em outras palavras, se você simplesmente tentar apresentar os mapas ou símbolos de terceira pessoa de um estado de ser/consciência mais elevado, mais abrangente ou mais profundo, você nunca captará a realidade propriamente dita, que só é desvelada ou dada à luz por atuação ou engajamento de primeira pessoa na própria realidade mais profunda. E esses físicos foram bastante claros sobre o que descobriram nessa atuação particular: não foram nêutrons, mas sim Deus; e não como uma dedução de terceira pessoa, mas como uma realização de primeira pessoa.

Nosso ponto mais simples é que, qualquer que seja nosso pensamento sobre a relação entre físis e pneuma, existem princípios heurísticos que podem nos ajudar a seguir por áreas que, anteriormente, foram consideradas "incomensuráveis". Não estou de forma alguma sugerindo que esses físicos/místicos deram a palavra final sobre a relação entre

cosmos e espírito; estou simplesmente sugerindo que é através do conjunto de sujeitos, que demonstrem competência em quaisquer dois paradigmas, que se pode fazer julgamentos interparadigmáticos aceitáveis. O ponto não é tanto que você e eu devamos dominar quaisquer dois paradigmas antes de poder compará-los autenticamente, mas que alguém pode fazê-lo. (Consequentemente, há uma afirmação de validade resgatável para julgamentos interparadigmáticos). E da mesma maneira que eu nunca vi um átomo de hidrogênio, mas existem homens e mulheres decentes que, com integridade, adotaram os paradigmas da física e, consequentemente, atuaram um horizonte do qual eles me asseguram que, de acordo com o melhor do seu julgamento coletivo, átomos de hidrogênio existem (e eu acredito neles porque nunca mentiram para mim antes), assim, também, quando se trata de declarações sobre a relação entre a física e a meditação, eu considero com muito mais seriedade as afirmações daqueles que demonstram competência nos dois paradigmas para atuar os espaços de mundo respectivos, porque esses estão operando no âmbito dos dois horizontes e, portanto, podem me dar um depoimento de testemunha ocular do que está acontecendo em ambos os domínios, e como esses domínios podem se relacionar entre si.

O ponto é simplesmente que, em princípio, julgamentos interparadigmáticos são possíveis porque não existe apenas um mundo com paradigmas competindo para dominá-lo, uma guerra tipo rei-do-pedraço, que joga todos os perdedores no lixo, pois não há perdedores. Não existe um mundo único no qual todos os paradigmas lutam por supremacia, mas muitos mundos dados à luz por paradigmas diferentes, mundos que podem ser testemunhados pelos mesmos sujeitos, se eles se submeterem à disciplina dos paradigmas necessários para gerar esses mundos. E enquanto "o" mundo não consegue conter muitos mundos, a consciência consegue. E porque já sabemos que há de fato muitos mundos, segue que já temos uma conscientização com capacidade interparadigmática, uma capacidade que pode resultar em avaliação metateórica, como a oferecida por AQAL.⁶

Esses três princípios reguladores – não-exclusão, desdobramento [envolvimento] e atuação – são princípios obtidos por engenharia reversa, se você preferir, já que numerosos paradigmas, diferentes e aparentemente "conflitantes", estão sendo competentemente praticados no mundo inteiro; e, assim, a pergunta não é e nunca será: qual está certo e qual está errado, mas como todos eles podem surgir em um Kosmos? Esses três princípios são alguns dos itens que precisam já estar operando no universo para que tantos paradigmas estejam surgindo, e a única pergunta realmente interessante é: como podem todas essas práticas extraordinárias surgir em um universo?

O cálculo de desconforto

Em um universo onde centenas de paradigmas estão surgindo e sendo competentemente praticados pelas comunidades de conhecimento organizadas em torno deles – seja a bioquímica, arte, culinária, sociologia sistêmica, matemática da complexidade, arqueologia, hermenêutica, meditação, neurofisiologia, busca da visão xamanista, modelagem computacional do caos, engenharia de uma ponte sobre um rio, envio de uma pessoa à Lua, produção do Chateau Lafitte Rothschild – em um universo onde tudo isso já está acontecendo em comunidades de conhecimento que podem reproduzir seu conhecimento e passá-lo adiante por gerações sucessivas – e já faz isso por anos, décadas, às vezes séculos – buscar meios que permitam a todos eles co-existir confortavelmente é um desafio que finalmente surge e que pode ser chamado de cálculo de desconforto.

Eis aqui o problema básico. Se vou agir baseado no princípio que "todo mundo está certo", então, como vimos, mais cedo ou mais tarde me deparo com o fato de que todo mundo não pode estar totalmente certo ou igualmente certo. Algumas visões são "mais corretas" que outras. E tão logo afirmemos que alguém está "mais correto" que outro, geramos sofrimento ou desconforto naqueles julgados menos corretos e, mais ainda, naqueles que ousaram fazer tais julgamentos indelicados.

Mas meu ponto é que é categoricamente impossível evitar julgamentos. Não conheço ninguém que seja inocente de fazer tais julgamentos (e a razão por que ninguém é inocente é que algumas visões são de fato "mais corretas" que outras, todos nós sabemos que algumas visões são mais corretas que outras, e é exatamente por isso que todos nós fazemos esses tipos de julgamentos). A pergunta que surge, desnecessário dizer, é: "Muito bem, algumas visões são mais corretas que outras; então, quais são as mais corretas, sabichão?".

E aí começa o cálculo de desconforto. Para todas as partes envolvidas. Como vimos, creio que o princípio do desdobramento possa nos ajudar nessa difícil questão. A razão por que acho isso é que, tudo pesado, é a solução que causa menos sofrimento.

Como já discutido, o princípio do envolvimento [ou desdobramento] sugere que, se um estado contém os princípios básicos de outro estado e ainda adiciona fundamentos não encontrados no estado prévio, então o estado anterior é "correto" e o estado posterior é "mais correto". Usamos o exemplo de moléculas contendo átomos, mas não vice-versa – "tudo que está em baixo está em cima, mas nem tudo que está em cima, está em baixo" – e correlacionamos isso com conceitos como a unificação preensiva de Whitehead ("todo o passado está envolvido pelo presente, mas nem todo o presente está envolvido pelo passado"). Envolvimento, desse modo, sugere formas em que algumas coisas podem ser "certas" e "verdadeiras" e outras coisas podem ser "mais certas" e "mais verdadeiras".

Átomos e moléculas são uma coisa; seres humanos e suas visões são outra. Mas deve ficar claro que o que está sendo julgado ou classificado aqui não são os seres humanos (ou quaisquer seres sencientes), mas simplesmente as visões que eles podem ou não adotar. E, falando genericamente, existem duas posições principais adotadas pelos humanos (tanto filósofos profissionais quanto pessoas comuns) a respeito da pergunta "quem está mais certo?". Vamos apresentar dois exemplos extremos (e um pouco caricatos) para ressaltar as dificuldades envolvidas. A história humana ao longo dos últimos 50.000 anos: evolução ou involução? Que visão é "mais correta"?

Uma visão tende a acreditar que a situação tribal humana primitiva era, em certo sentido, "mais correta" e que a história humana subsequente desviou-se de, ou destruiu, aquele estado de coisas de forma muito significativa. O estado primitivo é frequentemente chamado de "não-dissociado", já que o sujeito perceptivo e a natureza existiam em estado de unidade ou harmonia; a história subsequente, especialmente a moderna, é chamada de "consciência dissociada", em virtude do que é visto como uma profunda fragmentação ou dissociação entre sujeito e objeto. Basicamente todos os seres que vivem atualmente em democracias ocidentais estão submetidos ao estado dissociado moderno.

Em outras versões involutivas, o estado preferencial, que foi perdido, é chamado de sociedade "unida" ou "participativa", e o estado dissociado, que o substituiu, é chamado de sociedade "hierárquica" ou "classificatória". (Existe uma certa prestidigitação semântica aqui, já que todas as sociedades, indivíduos e teorizadores estão envolvidos em classificações. Nessa visão, por exemplo, sociedades participativas são classificadas como melhores que sociedades hierárquicas.) Mas essas noções de participação estão tentando transmitir uma crença em que ontem existia algo "mais correto" e que, portanto, o hoje é, em si, mais problemático.

Em resumo, o julgamento aqui é que o estado não-dissociado primitivo é mais correto que o estado dissociado moderno (ou o estado não-dissociado/participativo é classificado como sendo um estado melhor e mais autêntico, e o estado moderno é classificado como inferior). Realmente, as versões radicais dessa visão condenam totalmente a consciência dissociada moderna, como sendo "patológica" ou "doentia".

A outra visão é basicamente oposta. A consciência moderna, independente dos seus problemas, contém capacidades e perspectivas indisponíveis no estado primitivo e, assim,

sob importantes aspectos, ela é "mais correta" que a consciência primitiva ou tribal. Realmente, as versões radicais dessa visão veem simplesmente o estado arcaico como "primitivo", "ignorante", "supersticioso", ou até "doentio".

Como mencionado, cada visão vê a outra como doente. Mas mesmo que trabalhem nessas condições, qual dessas visões inflige mais sofrimento em mais almas? Sem dúvida a visão tribal, porque ela defende um estado que existe talvez entre alguns milhões de pessoas, enquanto condena como inferior um estado que agora caracteriza bilhões de pessoas. Não estou afirmando que maior é mais certo; estou simplesmente assinalando que a visão tribal julga e classifica bilhões de pessoas como inferiores àqueles que possuem um estado diferente, e isso é muito sofrimento transmitido por essa posição particular.

(Lembre-se de que não estou condenando essa ou qualquer outra visão porque estejam envolvidas com classificação, já que classificar é categoricamente inevitável; estou simplesmente sugerindo que, já que a classificação é inevitável, devemos considerar, ao invés, o cálculo da aflição que qualquer posição inflige e, à primeira vista, a visão tribal inflige cem vezes mais sofrimento.)

A visão moderna funciona melhor em termos do número daqueles atingidos por seu sistema particular de classificação, mas comporta-se tão mediocrementemente, ou talvez pior, no que se refere à escala de hostilidade. Nenhuma dessas visões, como mencionado, tem um esquema aceitável que possa relacioná-las de forma a permitir que ambas sejam saudáveis.

É aqui onde o princípio do desdobramento pode ajudar; é basicamente um cálculo para reduzir tanto a profundidade quanto a amplitude do desconforto infligido por uma classificação definitivamente inevitável. Usando o envolvimento como uma diretriz heurística (deduzida transcendentalmente pela já reconhecida existência de muitos mundos), a sugestão é que, quando se leva em conta seus fundamentos ou características definidoras, a consciência tribal foi uma expressão saudável e apropriada do universo em evolução daquele tempo; e a consciência moderna, em sua forma emergente ou definidora, é igualmente uma expressão saudável do universo para seu respectivo tempo. (Ambas, tribal e moderna, têm formas patológicas, mas o ponto agora é que nenhuma delas é essencial ou necessariamente patológica.) No mínimo, o princípio da não-exclusão evita que qualquer um desses mundos, dentro de seus próprios horizontes, condene ou considere o outro como inferior.

Mas entre esses dois mundos, existe pelo menos a possibilidade de desdobramento, e se for assim, então o envolvimento pode ser usado compassivamente para reduzir o grau de sofrimento infligido por nossos inevitáveis julgamentos classificatórios.

Esse é o caminho que eu, pessoalmente, acho menos censurável, ou que inflige menos sofrimento à profundidade e amplitude de um Kosmos em desenvolvimento. Nessa visão – aceita de várias formas, como vimos, por teorizadores como Jean Gebser, James Baldwin, Clare Graves e Carol Gilligan – os componentes essencialmente saudáveis de uma onda de desdobramento são assumidos, transcendidos e incluídos nas ondas subsequentes do universo em evolução. Se quaisquer dois mundos tiverem horizontes que se sobrepõem na história, então eles são relacionados pelo fluxo direcional de entendimento mútuo entre esses mundos, e aí, via necessidade whiteheadiana, essas superposições permanecerão em uma relação de desdobramento e envolvimento.

Uma versão dessa interpretação, por exemplo, seria a da *Dinâmica da Espiral*, que sugere que as primeiras tribos estavam expressando o ^vMeme ou onda de inteligência adaptativa "roxa", uma onda maravilhosamente ajustada às condições de vida da época; a modernidade está expressando, em sua forma saudável, o ^vMeme "laranja"; e finalmente, que ambas estão inter-relacionadas em uma Espiral de desenvolvimento ou desdobramento de capacidades adaptativas. É por isso que indivíduos modernos no laranja podem realmente reativar e cultivar o ^vMeme roxo em si mesmos, mas 50.000 anos atrás,

indivíduos roxos não podiam ativar o laranja (porque ele ainda não emergira). É exatamente por isso que o teorizador laranja pode recontactar e apreciar suas raízes roxas, mas não vice-versa. Eles permanecem um para o outro na relação de unificação preensiva da corrente do tempo.⁷

E isso não acontece apenas com as visões tribalista e modernista. Baseado nos exemplos da *Dinâmica da Espiral*, cada conjunto de valores de primeira camada (do mágico-roxo ao tradicional-azul, ao moderno-laranja, ao pós-moderno-verde) crê sinceramente que seus valores sejam os corretos ou os mais importantes, e que o mundo seria um lugar melhor se todo mundo adotasse esses valores. O azul acredita que a sociedade retornará a valores verdadeiros se todo mundo abandonar a permissividade excessiva e adotar valores familiares, comunais e religiosos baseados em princípios morais duradouros. O laranja crê que este país [EUA] precisa é de mais responsabilidade individual, iniciativa e foco nos negócios para aumentar o progresso, o lucro e a excelência. O verde acredita que a raça humana inteira esteja sofrendo por falta de respeito mútuo, amor e compaixão, extensivos a todos os seres pela igualdade e amizade.

Começando nas ondas de segunda camada, porém, ocorre o que Clare Graves denominou "uma monumental mudança de significado" – isto é, os valores de todas as ondas prévias são honrados e reconhecidos em seus próprios termos. E, portanto, surge lentamente no horizonte uma nova possibilidade, um novo território – aquele dos esforços integrais de uma ordem completamente diferente. É no âmbito do horizonte de possibilidades integrais que emergem metateorias como AQAL, que tentam escapar dos conflitos "certo" versus "errado" das ondas anteriores.

Um crítico atento poderia argumentar: "Ah, mas você não estaria dizendo que sua metateoria AQAL é a correta e as outras estão erradas?". Sinceramente, não; estou sugerindo que AQAL é uma metateoria que permite que o maior número de teorias sejam consideradas corretas. "Mas você está afirmando que, como metateoria integral, AQAL é melhor que outras metateorias integrais." De certo modo, sim, mas essas metateorias integrais trabalham com um paradigma ou injunção essencialmente semelhante ("todo mundo está certo") e, como vimos, teorias de paradigmas similares podem, fazem e devem fazer afirmações concorrentes, porque elas podem ser julgadas por seus méritos em um horizonte semelhante. Uma vez que metateorias integrais diferentes cubram o mesmo território, há meios de se verificar qual é a mais adequada. Se, por exemplo, uma metateoria inclui os princípios básicos de outra e, além disso, adiciona elementos não contidos nela, então essa primeira metateoria é provavelmente mais adequada (no sentido que Kepler é mais adequado que Ptolomeu). Mas mesmo que a metateoria AQAL fosse a visão "mais correta", ainda assim seria apenas um momento na contínua corrente integral, fadada a ser transcendida-e-incluída em visões ainda mais adequadas de seu próprio amanhã einsteiniano, que também passarão rumo a um futuro mais rápido que a luz, cujos contornos só podemos tentar adivinhar.

O ponto é que o princípio do desdobramento pode, de fato, fazer julgamentos "mais corretos", e quando comparado aos outros modos de fazer julgamentos "mais corretos", ele inflige menos sofrimento no menor número de almas.⁸ Ainda que existam estados ou estágios mais "elevados" em qualquer sequência de desdobramento, é a partir da sequência que os julgamentos são feitos; o princípio do desdobramento vê cada onda como sendo intrinsecamente saudável, apropriada e adequada; vê cada onda sucessiva como sendo intrinsecamente saudável, apropriada e adequada; e, finalmente, vê uma em relação à outra como "correta" e "mais correta". Justamente porque todas as três visões "corretas" que discutimos – a visão tribal, a visão modernista e a visão do desdobramento – apresentam um inevitável julgamento classificatório que inflige sofrimento nas visões classificadas (e no teorizador que as classifica, se ele ou ela tiver consciência), então eu respeitosamente afirmo que o princípio do desdobramento e envolvimento gera o menor dano.

Um Sistema Operacional Integral (SOI)

Às vezes nos referimos a AQAL como um SOI, ou um Sistema Operacional Integral, usando uma analogia de *software* de computador.⁹ Uma vez que você instala o SOI, ele varre o sistema, verificando se qualquer esforço a que você esteja se dedicando contacta todos os quadrantes conhecidos (eu, nós e isso); todas as ondas conhecidas (pré-convencionais, convencionais e pós-convencionais); todas as correntes conhecidas, (e.g., cognitiva, interpessoal, emocional, espiritual, etc.); estados (e.g., bruto-vigília, sutil-sonho, causal-informe); tipos, (e.g., masculino e feminino, autonomia e relação, ação e comunhão); e assim por diante. AQAL, ou SOI, não substitui de forma alguma experiências de primeira pessoa (singular e plural, subjetivo e intersubjetivo) desses domínios relevantes ou as práticas sociais concretas que os geram. AQAL, usado de forma adequada, é meramente um *software* de autovarredura que procura verificar seu engajamento nessas práticas reais, no caso de seu objetivo ser atingir algo semelhante a um abraço integral.

Por exemplo, o SOI varre o sistema para ver se as dimensões de primeira, segunda e terceira pessoas de estar no mundo estão sendo reconhecidas e consultadas em qualquer situação particular, e envia um sinal de alerta se um importante potencial humano (sugerido por um pluralismo metodológico integral) não estiver sendo considerado na discussão. Mapas rasgados e parciais não são confiáveis para qualquer tipo de viagem sustentada pelo Kosmos, e embora nenhum mapa seja completo, alguns são mais completos do que outros.

Um SOI tenta coordenar especificamente o melhor dos paradigmas importantes, a fim de produzir uma abordagem mais equilibrada e completa para o Kosmos. O SOI combina os pontos fortes dos principais tipos de pesquisa humana, a fim de produzir uma abordagem, para qualquer ocasião, que "toque todas as bases", que recuse deixar alguma dimensão intocada ou ignorada, que honre todos os aspectos importantes dos hólons, em toda sua riqueza e plenitude.

O SOI em si, claro, nada mais é que um mapa pálido e abstrato; é meramente um sistema de significantes de terceira pessoa. Isso precisa ser enfatizado novamente, porque muitas pessoas, críticos e estudantes tomam AQAL, erradamente, por algum tipo de realidade, embora ele seja simplesmente um sistema de artefatos de terceira pessoa que tenta representar todos os tipos de realidades, modos, dimensões e paradigmas – e realmente, ninguém hoje em dia confunde o mapa com o território.

Entretanto – continuando a usar o informatês – se o SOI for corretamente carregado e instalado em qualquer sistema humano, ele ativa essencialmente as próprias dimensões de primeira, segunda e terceira pessoas, simplesmente porque elas são os significados ativos dos significantes do SOI. Isto é, embora AQAL seja um mero mapa de terceira pessoa, é um mapa que apresenta, de forma audível, o caractere *prompt* toda vez que você o inicializa: "além de mapas de terceira pessoa, você também está considerando dimensões de primeira pessoa do singular, primeira pessoa do plural, segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural de estar no mundo em sua percepção?".

O resultado é que qualquer sistema que opere com o SOI varre automaticamente todos os fenômenos – interiores e exteriores – em quaisquer quadrantes, ondas, correntes ou estados que não estejam sendo incluídos na percepção. O SOI, então, age no sentido de reparar esse desequilíbrio e ajudar o sistema a se mover em direção a uma posição mais harmoniosa, inclusiva e integral. O SOI age como um holismo autopoietico, se você preferir. E faz isso, não substituindo uma prática por outra, mas assinalando a importância de se engajar de fato em todas elas (o que o SOI propriamente dito não faz, não pode fazer, nem é sua proposta).

Quando o SOI sugere coisas como: "certifique-se de incluir estados de vigília, estados de sonho e estados informes em qualquer abordagem global da consciência", não está lhe dizendo, por exemplo, o que você deve sonhar, como você deve sonhar, qual deve ser o

conteúdo dos seus sonhos, ou qualquer coisa assim. Está simplesmente dizendo que, se não incluir em sua abordagem um amplo espectro de estados de consciência, você não estará sendo tão inclusivo quanto poderia ser. Igualmente, com respeito a perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoas: o SOI não está de forma alguma lhe dizendo, por exemplo, como a primeira pessoa deve pensar, sentir ou agir, apenas que as perspectivas de primeira, segunda e terceira pessoas estão disponíveis para serem incluídas, se você quiser que o que quer que esteja fazendo possa ser chamado de "integral" de forma significativa. Todos esses "pontos de verificação" no *software* do SOI são, basicamente, a totalidade dos paradigmas legitimados, coordenados pelos princípios heurísticos da não-exclusão, envolvimento e atuação.

Continuaremos a discutir o SOI em seções subsequentes. Mas não deixe que os significantes de terceira pessoa o confundam. Estamos falando sobre os conteúdos de percepções vividas, sentidas, respiradas. Estamos falando de aspectos do Kosmos que nos permitimos perceber. Vamos nos permitir sentir profundamente todas as dimensões do Kosmos autodesvelado, ou recuaremos, perderemos contato, nos afastaremos do Kosmos e do nosso Eu e, ao invés, fugiremos para uma parcialidade ou outra, um absolutismo ou outro, um fragmento partido ou outro? O SOI, um sistema operacional de terceira pessoa, age apenas como um lembrete, um alerta autoesquadrinhador, de que há mais modos de estar no mundo do que os presentemente reconhecidos, um lembrete que pode disparar ações na direção de um abraço mais integral, e até oferecer uma visão geral dessas ações, mas nunca pode, sob circunstância alguma, ser um substituto para elas.

Conferência holônica

Não-exclusão, envolvimento [desdobramento] e atuação, como diretrizes convenientes para uma metateoria integral, permitem o que talvez seja uma das aplicações mais úteis de AQAL (ou *ap/s* de um SOI): indexação holônica ou conferência holônica. Diferentes quadrantes, ondas, correntes e estados dão à luz fenômenos diferentes; e, portanto, modos de pesquisa diferentes, metodologias diferentes, paradigmas e práticas humanas diferentes podem ser situadas, de forma não-ameaçadora, em um espaço AQAL que dá lugar a todas elas. A conferência holônica nos permite, por exemplo, indexar a maior parte dos significativos modos de pesquisa humana testados pelo tempo, compreendendo onde cada um deles é útil e eficaz, bem como quando precisam ser complementados por abordagens que cubram algumas das outras bases importantes.

Qualquer campo – negócios, medicina, psicologia/terapia, estudos da consciência, história, arte, espiritualidade – pode ser rapidamente reconfigurado, usando um SOI para sugerir formas de tornar o campo consideravelmente mais integral. A razão por que AQAL ou SOI tem apresentado uma rápida aceitação em muitos desses campos é que, preocupado em honrar as capacidades humanas através de um espectro pleno, o SOI abre potenciais adicionais para que qualquer campo avance em profundidade e completude, simplesmente reconhecendo os aspectos do espaço AQAL que ainda não estejam cobertos pelo campo particular. Médicos, advogados, pedagogos, terapeutas, homens de negócios, professores espirituais, entre outros, enriqueceram rapidamente suas próprias práticas, usando AQAL para desenvolver uma abordagem mais integral, da qual muitos deles já estavam, de alguma forma, se aproximando. No decorrer desta discussão, serão apresentados exemplos de negócios integrais, educação integral, ecologia integral, feminismo integral, política integral, terapia integral.

A conferência holônica também conduz ao que talvez sejam as *ap/s* mais imediatamente úteis do SOI, que são normalmente chamadas de práticas integralmente informadas. Essa expressão significa que, seja você um médico, um advogado, um faxineiro, ou uma garçonete, sua prática pode ser integralmente informada. Isso não muda necessariamente as atividades da prática em si – se você for um faxineiro, continuará varrendo o chão – mas muda profundamente a consciência da pessoa que varre. Um mapa mais completo de onde você está localizado lhe permite ver o contexto no qual está inserida até a mais simples das

atividades, quando então varrer o chão torna-se um ato do Kosmos conduzido pela consciência da alma integralmente informada.

Algumas pessoas imaginam que, a fim de seguir uma prática integral, digamos, na odontologia, deve-se manter contato com cada quadrante, cada nível e cada linha do pobre paciente sentado na cadeira, em uma investida vigorosamente coordenada contra a cárie dentária. Bem, você poderia, se desejasse, eu suponho, mas esse não é o ponto fundamental. O ponto é que um dentista, ou advogado, ou terapeuta, ou professor espiritual integralmente informado usa um sistema de indexação holônica a fim de localizar seus próprios serviços em um esquema mais amplo e, desse modo, poder concentrar-se mais eficazmente no que faz melhor, indicando para o cliente outros praticantes-paradigmáticos no caso de necessidade de outros serviços.

Mas eles, de fato, podem tornar suas próprias práticas mais integrais ou completas, incorporando diretamente nelas alguns dos aspectos e dimensões do espaço AQAL que são apropriados, mas ainda não utilizados. Os dentistas logo percebem que o estado psicológico do paciente responde por, pelo menos, metade do desenvolvimento de uma consulta; os terapeutas logo percebem que estados físicos e estados mentais seguem juntos e que estão inextricavelmente ligados à família e à cultura em geral; os professores espirituais logo percebem que a meditação pode ajudar a alma, mas não necessariamente curará um osso fraturado. Uma prática integralmente informada em cada um desses campos permite, no mínimo, situar-se cada prática específica em um Kosmos maior, ao mesmo tempo em que expande o potencial da própria prática como adequado.

Como especialista em qualquer campo, não preciso ser integral; como ser humano, sim. Os advogados integrais não são os que largam todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos sobre a cabeça do cliente, mas aqueles cuja consciência é integralmente informada pela existência de todos os quadrantes, todos os níveis, todas as linhas, todos os estados e todos os tipos. Tal consciência integralmente informada trará para qualquer prática tudo que puder ser incorporado a ela e, ao fazê-lo, começará a mudar dramaticamente a natureza da prática em si, seja realizando uma cirurgia cerebral ou varrendo o chão conscientemente.

Um importante benefício marginal é que, ao se localizar uma prática ou paradigma em um espaço integral AQAL, "liberta-se o paradigma, limitando-o". Por exemplo, quando a meditação oriental foi inicialmente introduzida neste país [EUA] em escala difundida, há mais ou menos três décadas (e.g., Meditação Transcendental, Zen, Vedanta), muitos praticantes e professores pensaram que ela fosse uma panaceia. Basta meditar e você conseguirá aquele novo emprego, curará a maior parte das doenças, curará todas as neuroses. Trinta anos depois, prevalece uma visão mais sóbria, tanto em praticantes quanto em professores. Porém, como dissemos, a indexação holônica ou integral evita tais enganos desde o começo, ao mesmo tempo em que ressalta quais as áreas da matriz AQAL onde a meditação, e somente a meditação, pode revelar você (a saber, os níveis mais elevados do Quadrante Superior Esquerdo). Isto é, a maioria das formas de meditação tradicional (oriental ou ocidental) ativa ou destaca as dimensões de primeira pessoa de estar no mundo em um estado de terceira camada. A meditação é o paradigma por excelência, testado pelo tempo, para dar à luz e iluminar aqueles domínios – domínios que, no âmbito de seus horizontes atuados, revelam o que os praticantes invariavelmente reportam ser ocasiões mais profundas e mais significativas (que, se dominadas competentemente, podem levá-los a estados nirvânicos, qualquer que seja o nome).

Mas esses estados mais elevados, em si e por si, não curarão problemas de ondas mais baixas, de outras correntes, ou de outros quadrantes. E quando os professores e os praticantes percebem isso desde o início, não só são poupados de decepção, raiva e desespero devastadores ao descobrir essa insuficiência pelo caminho mais difícil, como também podem, realmente, manter o foco e proclamar, até mais jovialmente, aquilo que a meditação faz e que nenhum outro paradigma consegue fazer.

Como veremos especificamente em Excertos subsequentes, a mesma conferência holônica pode ser proveitosamente usada quando se trata de teorias de sistemas, ecofilosofias, estudos culturais, estruturalismo, pesquisa colaborativa, fenomenologia e assim por diante. Cada paradigma é valorizado ainda mais, não menos, por uma conferência holônica mais ampla. Cada um é limitado, e assim libertado, para apresentar seus próprios *insights* extraordinários, insubstituíveis e cruciais para o Conselho de Todos os Seres.

Prognóstico

Se de fato nos encontramos no Limiar de uma Era Integral – uma genuína transformação revolucionária na elite cultural como arauto de uma guinada social mais ampla – eu acredito que isto muito provavelmente envolverá metapráticas como o "pluralismo metodológico integral" e metateorias como AQAL.

Mas independente do nome e do contexto, salões integrais já estão realmente se formando em todo o mundo, bolsões de cuidado e consciência, onde os indivíduos exercitam potenciais de segunda camada em um esforço contínuo para abraçar, tão graciosamente quanto possível, todas as dimensões do Kosmos radiante. Quanto mais se pratica de fato um metaparadigma integral (na vida pessoal, nos negócios, na educação, na política, na medicina, na espiritualidade), mais Eros ressoa pelo sistema, agitando e empurrando em direção a uma transformação de segunda camada, que faz explodir a crise de legitimidade inerente em todas as ondas de primeira camada e torna-lhes acessível um enriquecimento além da prisão da primeira camada, um enriquecimento que é seu próprio potencial inerente e direito divino inato, liberado nos espaços mais profundos e mais amplos atuados por práticas integrais.

Como estender essa compaixão e transparência a todos os seres sencientes é uma ardente preocupação que resplandece nesses salões e círculos de cuidado desdobrado e envolvente, círculos nos quais você, quase certamente, deve estar envolvido ou então não teria ido tão longe nesta leitura; círculos que gritam para você dar o melhor que puder e, em seguida, ainda mais; círculos que trazem à tona o melhor de você e, então, mais; e círculos que estão começando a sedimentar os hábitos cósmicos de um amanhã dedicado à compaixão, a um horizonte iluminado pela intimidade, a um futuro desesperadamente apaixonado pelo amor; círculos encharcados pelas lágrimas de uma beleza que baixa em todos os seres, aceitando-os como são, insistindo para que todos sejam melhores, ajudando-os nisso, amparando-os se não conseguirem.

É a esses salões que eu respeitosamente submeto essas considerações sobre três diretrizes úteis para uma prática integralmente informada – não-exclusão, envolvimento [desdobramento] e atuação – com a esperança que eles abram espaço para o que quer que esteja surgindo, momento a momento, a radiante momento, causando menos sofrimento e estendendo mais compaixão a todos os nossos irmãos e irmãs que se manifestam conosco.

Devemos nos perdoar pela nossa ascensão, pois nossa existência sempre atormenta outros. A regra dourada no meio dessa miséria mútua sempre tem sido, não não-fazer nenhum mal, mas sim fazer o mínimo mal possível; e não amar a todos, e sim amar tantos quanto puder. Desse modo, permita que um cálculo de sofrimento, tanto quanto um de compaixão, guie os mapas pelos quais navegamos samsara.

Afinal de contas, sim, isso que é samsara não é diferente do que é nirvana, e o que é nirvana não é diferente do que é samsara: o mundo das coisas finitas, manifestas, temporais, colidindo entre si, torturando-se umas às outras, amando-se por um momento, de vez em quando, é, na verdade, o domínio do único e verdadeiro Deus, com cada coisa, simplesmente sendo como é, um gesto bruxuleante, um olhar luminoso, uma joia cintilante, espontaneamente emergindo do mar da Grande Perfeição, a manifestação completa, nada além do que o sorriso radiante de sua própria Face Original.

Mas enquanto isso, existe essa notória bagunça. À medida que o mundo surge ao seu redor, é samsara; assim, avalie suas ações para gerar o menor dano e o maior cuidado. Quando este mesmo mundo surge dentro de você, é nirvana, e todas as suas ações cuidarão de si mesmas, enquanto o cálculo de sofrimento e compaixão desdobrar-se-á por iniciativa própria, tratando cada ser senciente com extrema preocupação, jurando libertar cada um e todos, sabendo muito bem que, na verdade, não existem outros a libertar – porque no Kosmos inteiro não há absolutamente outros, nem interior ou exterior em lugar algum, mas meramente e apenas Isto. Saúde o dia dentro de você como o desdobramento de sua família, observe o sol levantar-se sem abrir os olhos, sinta as galáxias distantes subindo e descendo em cada batida do único coração que existe – você pode percebê-lo batendo agora mesmo – e abençoe o universo inteiro que surge, permitindo-se senti-lo novamente, agora, agora e agora. No grande desdobramento que envolve tudo, reverencie a quiddidade de todos os seres, no único lugar que é sempre real e no único tempo que é somente agora.

Notas explicativas

1. Mais tecnicamente, teorias e paradigmas tetra-atuam. Até uma teoria mental é, em si mesma, uma injunção ou paradigma mental. Quando o termo paradigma é usado com o significado de "prática social", ele está simplesmente destacando a ocasião global que inclui dimensões exteriores (sociais), bem como dimensões interiores (mentais e culturais). É o aspecto da "prática social" dos paradigmas que é mais frequentemente negligenciado e, por causa disso, o mais enfatizado aqui. Mas nenhum quadrante existe ou age sozinho.

2. Dizer-se que uma prática social integral incluiria e exercitaria, de fato, todas as práticas, injunções e metodologias importantes das ondas de primeira camada, mas agora colocadas em uma moldura integral que incluísse suas contribuições duradouras, mas transcendesse suas parciaisidades, absolutismos e práticas excludentes significa: à medida que elas representem estruturas duradouras, não meramente transitórias. Vide *Psicologia Integral*.

3. Vide nota 1. Até mesmo as teorias são conjuntos de injunções, isto é, de injunções mentais, já que todas as atuações geralmente seguem as três etapas de injunção/paradigma, revelação/dados/fenômenos e confirmação/rejeição. As "três etapas do conhecimento" causaram confusão entre alguns críticos, que imaginaram que elas fossem evidência de cientismo. Mas as três etapas – injunção, paradigma ou atuação; geração dos fenômenos atuados; e validação da comunidade de conhecimento – referem-se apenas às características gerais de atuação em qualquer domínio – artístico, moral, científico, etc. – e não às formas que os modos científicos de atuação envolvem. O que provavelmente confundiu esses críticos foi que eu usei o termo "ciência profunda" para cobrir as formas mais elevadas de ciência que seguem essas três etapas, mas que não estão limitadas aos dados sensoriais da "ciência restrita". Eles, portanto, igualaram as três etapas à ciência profunda e acusaram a exposição inteira de positivismo.

Não é assim. Na música, por exemplo, se quiser ouvir uma versão da "Quinta Sinfonia" de Beethoven, você talvez tenha de conseguir um piano, aprender a tocá-lo estudando com um professor, para, então, tocar a Quinta, e verificar se o professor (representando a comunidade de conhecimento da música) confirma que o que você tocou era, mais ou menos, a Quinta Sinfonia de Beethoven. Essas são as três etapas de atuação fenomenológica aplicadas às artes dramáticas e musicais, e não existe nada de positivista nisso. As três etapas são, simplesmente, um resumo dos tipos de atividade de atuação que, normalmente, descobrimos quando qualquer mundo fenomenológico é gerado. No âmbito desses mundos, porém, existem metodologias bastante diferentes e específicas de ciência, moral, arte, e assim por diante, cada uma seguindo tipos diferentes de métodos com critérios de validação diferentes (e.g., verdade, veracidade, imparcialidade, ajuste funcional). Tudo isso está explicado na nota 15 do capítulo 4 de *Uma Teoria de Tudo*.

4. A propósito, quando dizemos que teorias mapeiam ou refletem territórios gerados ou atuados por uma prática ou paradigma social, isso NÃO é uma teoria de reflexão da verdade – não é a teoria de representação, nem o paradigma fundamental do Iluminismo, nem a visão Espelho da Natureza. O modelo de reflexão ou representação omite a parte da atuação (que é justamente a mais importante). Isto é, o modelo de reflexão imagina que exista apenas um território (ou uma Natureza que todas as teorias deveriam mapear, refletir ou representar com precisão), e falha em notar que paradigmas diferentes, basicamente, dão à luz mundos diferentes.

Em resumo, não existe um mundo sobre o qual diferentes teorias competem por supremacia, mas muitos mundos gerados por muitos paradigmas diferentes, no âmbito dos quais teorias diferentes, então, competem justamente, de acordo com as regras de compromisso da comunidade de conhecimento com um paradigma ou prática social particular. O modelo de representação não está errado ao afirmar que é importante mapear um território com precisão, mas erra ao afirmar que exista somente um território (uma afirmação que absolutizou secretamente seu próprio paradigma). Paradigmas apresentam

ou criam mundos; teorias os mapeiam ou representam. Ambos são cruciais em qualquer modelo epistemológico integral.

5. Porém, o que não continua a funcionar ou existir em uma onda júnior (nem em átomos ou moléculas em uma célula) é sua afirmação de ser a verdade completa: é agora uma verdade completa que é parte de uma verdade ainda mais completa. A famosa afirmação de Hegel: "transformar é, ao mesmo tempo, negar e preservar" – é simplesmente sua versão para transcender e incluir. O que é negado, transcendido ou superado é a exclusividade do hólón particular, ou sua afirmação de ser a verdade inteira. O que é preservado e incluído são as verdades parciais e componentes duradouros do hólón júnior, que são absorvidos e incorporados no hólón sênior como sub-hólons relativamente autônomos, ainda funcionando e contribuindo com suas verdades para o desdobramento de verdades adicionais.

6. Vide nota 4. Não é necessário que os horizontes de diferentes paradigmas sejam reproduzidos identicamente em todos os sujeitos sob a mesma disciplina, apenas que os sujeitos possam concordar entre si sobre certas semelhanças amplas, um tópico central do Excerto C, subtítulo *O que é um "Nós"*.

7. Você já se perguntou por que a consciência tribal abandonou seu estado original e seguiu adiante? De acordo com o sistema de classificação tribal/não-dissociado, o primeiro e mais fundamental estado dos humanos em toda parte foi o estado não-dissociado ou de harmonia com a natureza. Já que esse estado não é, atualmente, o mais difundido, isso significa que, em um certo momento, as próprias tribos tiveram de abandonar seu estado de harmonia. Por que alguém abandonaria o Éden? Não podemos dizer que elas foram conquistadas por tribos "classificadas" como bélicas porque, nesse caso, então essas tribos deveriam ter abandonado o estado paradisíaco original – novamente, por que elas fariam isso? A conclusão parece ser que, ou a capacidade de julgamento apresentada pelo estado original não-dissociado não era intrinsecamente inteligente, ou, então, que o estado original não era, para princípio de conversa, aquele paraíso. A visão tribal acaba por condenar não só o estado moderno, como também, retroativamente, as tribos originais que abandonaram aquele estado paradisíaco. O princípio do desdobramento, por outro lado, vê simplesmente crescimento e desenvolvimento saudáveis como características essenciais deste movimento global. Na sequência inteira do tribal até o moderno, não existe sequer um passo que, em si, seja uma doença. Que alguns aspectos muito importantes dos estados tribais possam ter sido esquecidos, reprimidos ou negados pelo desenvolvimento subsequente é completamente aceito e considerado por uma perspectiva desenvolvimentista, mas ela não considera o desenvolvimento em si como patológico.

8. Tecnicamente, seguindo a Intuição Moral Básica, o envolvimento inflige menos sofrimento em menos almas (amplitude x profundidade).

9. A sigla "SOI" foi primeiramente usada por Bob Richards, um pioneiro na pesquisa de energias sutis e co-fundador da *Clarus, Inc.*

Tradução de Ari Raynsford (www.ariray.com.br) em janeiro de 2007

Revisão em dezembro de 2007

Revisão ortográfica em setembro de 2009